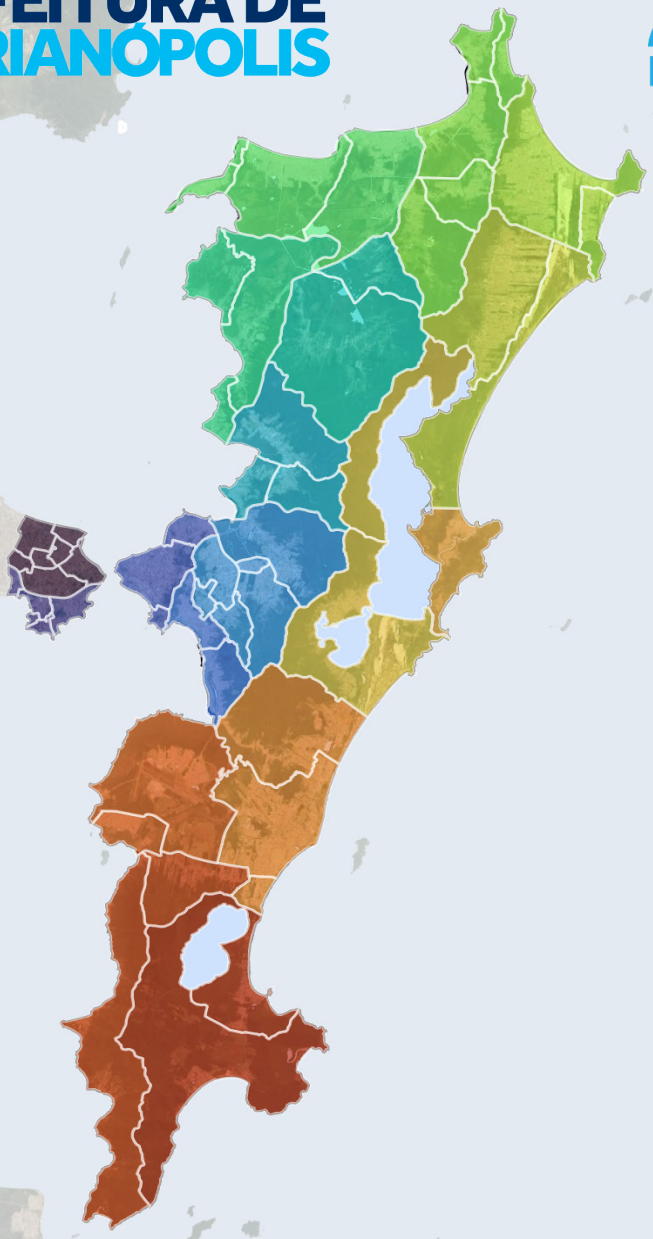
Cadernos de Planejamento e Projetos Urbanos de Florianópolis

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS

PLANO DIRETOR FLORIANÓPOLIS



BAIRROS

Cartilha Explicativa

Nº 1 | JULHO 2026

SMPHDU

A CIDADE QUE SOMOS

Florianópolis é uma cidade que cresce com orgulho de suas raízes. De seus povos originários às famílias açorianas, de seus bairros históricos às novas comunidades que se formam a cada geração, somos uma cidade plural, viva e em constante transformação.

Esta Cartilha Explicativa dos Bairros nasce do entendimento de que planejar uma cidade exige conhecê-la de perto. Ao registrar os 56 bairros oficializados pelo Decreto Municipal 29.142/2026, a publicação reconhece a identidade e a história de cada comunidade — e coloca esse conhecimento nas mãos de quem mais importa: o cidadão florianopolitano.

Organizar o território de forma clara é o ponto de partida para planejar melhor e distribuir serviços com mais equidade, aproximando o poder público de cada rua e de cada história que faz de Florianópolis a cidade que somos.

Topázio Silveira Neto
Prefeito de Florianópolis

PLANEJAMENTO URBANO

O verdadeiro planejamento urbano acontece na escala local. É no desenho do bairro que a visão de uma cidade se transforma em realidade palpável. Desenvolver os bairros significa pensar no espaço para as pessoas e entender que a rua não é apenas uma via de passagem, mas o cenário da vida cotidiana.

O objetivo da divisão administrativa dos bairros não é apenas um ato burocrático; é o reconhecimento da realidade e identidade das comunidades para que planejamentos futuros criem estratégias locais alinhadas aos desejos de cada comunidade e se tornem indutores de sustentabilidade.

Ivanna Carla Tomasi
Secretária Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano



Este trabalho é disponibilizado sob uma licença aberta, permitindo que seja adaptado e utilizado como base para criações adicionais, desde que seu uso não seja para fins comerciais. É necessário atribuir o devido crédito ao trabalho original. Toda a base de dados associada a este trabalho pode ser solicitada.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

BAIRROS

Sobre Esta Cartilha

A Cartilha Explicativa dos Bairros é ferramenta de planejamento urbano, governança e cidadania. Pretende ser ponte entre a linguagem técnica e o cidadão que vive o território.

A estrutura da publicação está dividida na apresentação da nova divisão, na origem histórica e identidade local e cultural de cada bairro e no perfil socioeconômico de cada recorte territorial. A ideia é apresentar a nova divisão sob a ótica da proximidade, resgatar o passado como ponto de partida para projetar o futuro sem descaracterizar o território e aproximar a norma da realidade socioterritorial dos cidadãos.

Essa cartilha é o primeiro passo para o monitoramento social local. Com dados claros em mãos, a comunidade ganha força e argumento técnico para cobrar o poder público e os desenvolvedores urbanos, garantindo que o crescimento do bairro respeite a sua vocação histórica e os limites socioambientais.

Kaliu Teixeira
Subsecretário de Planejamento
e Inteligência Urbana

EQUIPE DE EDIÇÃO DESTA CARTILHA

Secretaria de Planejamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano

Diretora de Planejamento
Gisele dos Santos Machado

Gerente de Planos
Paulo Ricardo Dias

Equipe Técnica

Arquitetas e Urbanistas
Elisa de Oliveira Beck
Maíra Mesquita Maciorowski
Marcela dos Reis Costa

Engenheiro Civil
Maurício Back Westrupp

Historiador
Angelo Antônio de Aguiar

Acadêmicos de Arquitetura e Urbanismo
Caroline de Oliveira Branco
Ramom Hamann Andrade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8
Breve Histórico 10

O QUE MUDOU? 12
Divisão Territorial 14
Organização dos Bairros 15

REGIÃO CENTRAL 16
Mapa da Região Central 18
Dados Demográficos 20
Distrito Sede 22
Distrito Trindade 33
Distrito Saco Grande 44
Distrito Saco dos Limões 48

REGIÃO CONTINENTAL 52
Mapa da Região Continental 54
Dados Demográficos 56
Distrito Estreito 58
Distrito Coqueiros 65

REGIÃO NORTE 76
Mapa da Região Norte 78
Dados Demográficos 80
Distrito Cachoeira do Bom Jesus 82
Distrito Canasvieiras 84
Distrito Ingleses 93
Distrito Ratones 95
Distrito Santo Antônio de Lisboa 96

REGIÃO LESTE 104
Mapa da Região Leste 106
Dados Demográficos 108
Distrito Lagoa da Conceição 110
Distrito Rio Vermelho 115
Distrito Barra da Lagoa 120

REGIÃO SUL 124
Mapa da Região Sul 126
Dados Demográficos 128
Distrito Ribeirão da Ilha 130
Distrito Pântano do Sul 134
Distrito Campeche 135
Distrito Tapera da Base 142

INTRODUÇÃO


EÁRIO JOÃO PAULO COQUEIROS PANTANAL SACO DOS LIMÕES ABRAÃO PANTANAL SACO GRANDE
COSTEIRA DO PIRAJUBAÉ CAPOEIRAS JARDIM CAPOEIRAS CANTO AGRONÔMICA CAPOEIRA
AGRONÔMICA CANTO SANTA MÔNICA MONTE VERDE
SACO DOS LIMÕES CARVOEIRA TRINDADE COLONINHA BALNEÁRIO SACO DOS LIMÕES PANTANA
TRINDADE ITACORUBI ESTREITO BOM ABRIGO CENTRO ITACORUBI SANTA MÔNICA MONTE CRISTO
SANTA MÔNICA ITAGUAÇU COLONINHA AGRONÔMICA CAPOEIRAS JOÃO PAULO PANTANAL COL
NTRO PANTANAL SACO GRANDE JOSÉ MENDES ESTREITO AGRONÔMICA JOSÉ MENDES JOÃO PAULO CENTRO
JARDIM ATLÂNTICO CENTRO BALNEÁRIO JARDIM ATLÂNTICO ITAGUAÇU JARDIM ATLÂNTICO SANTA M
MICA BALNEÁRIO MONTE CRISTO ESTREITO SACO GRANDE TRINDADE SACO DOS LIMÕES SACO GRANDE JOÃ
BOM ABRIGO ABRAÃO CAPOEIRAS SANTA MÔNICA CENTRO BALNEÁRIO ABRAÃO
MÕES JOÃO PAULO CANTO ITACORUBI JOSÉ MENDES ESTREITO JOSÉ ME
JARDIM CAPOEIRAS CÓRREGO GRANDE COLONINHA JARDIM ATLÂNTICO PANTANAL ESTREITO MON
AÃO COQUEIROS MONTE VERDE CARVOEIRA SACO DOS LIMÕES COSTEIRA DO PIRAJU



Mapa histórico da ilha de Santa Catarina - 1557
Cortesia da Biblioteca John Carter Brown

O território que corresponde atualmente à cidade de Florianópolis teve sua ocupação humana iniciada há alguns milhares de anos por povos pré-colombianos, sendo talvez os mais conhecidos aqueles denominados sambaquieiros e, posteriormente, os carijós, pertencentes ao tronco linguístico Tupi, os quais deixaram marcas de sua presença por diversas partes da região.

Desde o início da colonização europeia do Brasil, a partir do início do século XVI, navegadores de diversas nações daquele continente passaram pela Ilha de Santa Catarina, topônimo este cuja autoria é comumente atribuída ao veneziano Sebastião Caboto e datada de 1526. No entanto, poucos permaneceram neste território por longo período, o que viria a mudar somente com as primeiras tentativas de colonização do território que remontam aos séculos XVII e XVIII.

Foi somente com a política de defesa portuguesa, ainda na primeira metade do século XVIII, que foram erigidas as principais fortificações do período colonial e que foram trazidos casais açorianos para efetivamente ocupar a terra, que então passou a ser dividida, ao longo de um século, em freguesias. Somente a partir da efetiva ocupação e do estabelecimento do controle deste território por grupos não indígenas é que se formaram núcleos de povoamento que, posteriormente, no século XX, viriam a formar os atuais bairros e distritos de Florianópolis.



Mapa histórico da ilha de Santa Catarina - 1784
Domínio Público

O QUE MUDOU?



Em 13 de abril de 2026, a cidade de Florianópolis teve seu número de bairros alterado para 56, através do Decreto Municipal 29.142/2026.

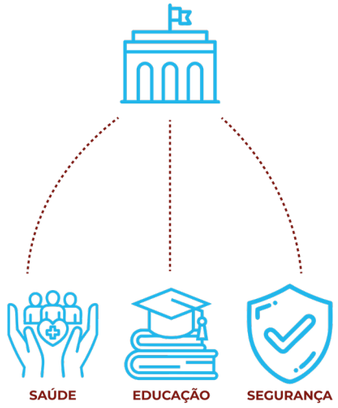
56 bairros

O que isso significa?



Segundo a Lei Complementar nº. 739 de 2023, bairros são considerados "subdivisões que possuem uma identidade própria e cujos habitantes partilham um sentido de pertencimento local, reconhecido pelos demais habitantes do município e pelo Poder Público municipal".

Os bairros são delimitados para otimizar a gestão territorial e para melhorar a distribuição dos serviços públicos.



Em Florianópolis existem cinco grandes regiões, cada uma dessas regiões está subdividida em distritos e neles estão inseridos os bairros.

REGIÕES
↓
DISTRITOS
↓
BAIRROS

A organização ficou assim:

Região Central

Distrito Sede:
Bairro Agronômica
Bairro Centro
Bairro José Mendes

Distrito Trindade:
Bairro Carvoeira
Bairro Córrego Grande
Bairro Itacorubi
Bairro Pantanal
Bairro Santa Mônica
Bairro Trindade

Distrito Saco Grande:
Bairro João Paulo
Bairro Monte Verde
Bairro Saco Grande

Distrito Saco dos Limões:
Bairro Costeira do Pirajubaé
Bairro Saco dos Limões

Região Continental

Distrito Estreito:
Bairro Balneário
Bairro Canto
Bairro Capoeiras
Bairro Coloninha
Bairro Estreito
Bairro Jardim Atlântico
Bairro Monte Cristo

Distrito Coqueiros:
Bairro Abraão
Bairro Bom Abrigo
Bairro Coqueiros
Bairro Itaguaçu
Bairro Jardim Capoeiras

Região Norte da Ilha

Distrito Cachoeira do Bom Jesus:
Bairro Cachoeira do Bom Jesus
Bairro Ponta das Canas
Bairro Praia Brava
Bairro Vargem do Bom Jesus
Bairro Vargem Grande

Distrito Canasvieiras:
Bairro Canasvieiras
Bairro Daniela
Bairro Jurerê
Bairro Praia do Forte

Distrito Ingleses:
Bairro Ingleses
Bairro Santinho

Distrito Ratones:
Bairro Ratones
Bairro Vargem Pequena

Distrito Santo Antônio de Lisboa:
Bairro Cacupé
Bairro Sambaqui
Bairro Santo Antônio de Lisboa

Região Leste da Ilha

Distrito Lagoa da Conceição:
Bairro Costa da Lagoa
Bairro Lagoa da Conceição

Distrito Rio Vermelho:
Bairro Moçambique
Bairro Rio Vermelho

Distrito Barra da Lagoa:
Bairro Barra da Lagoa

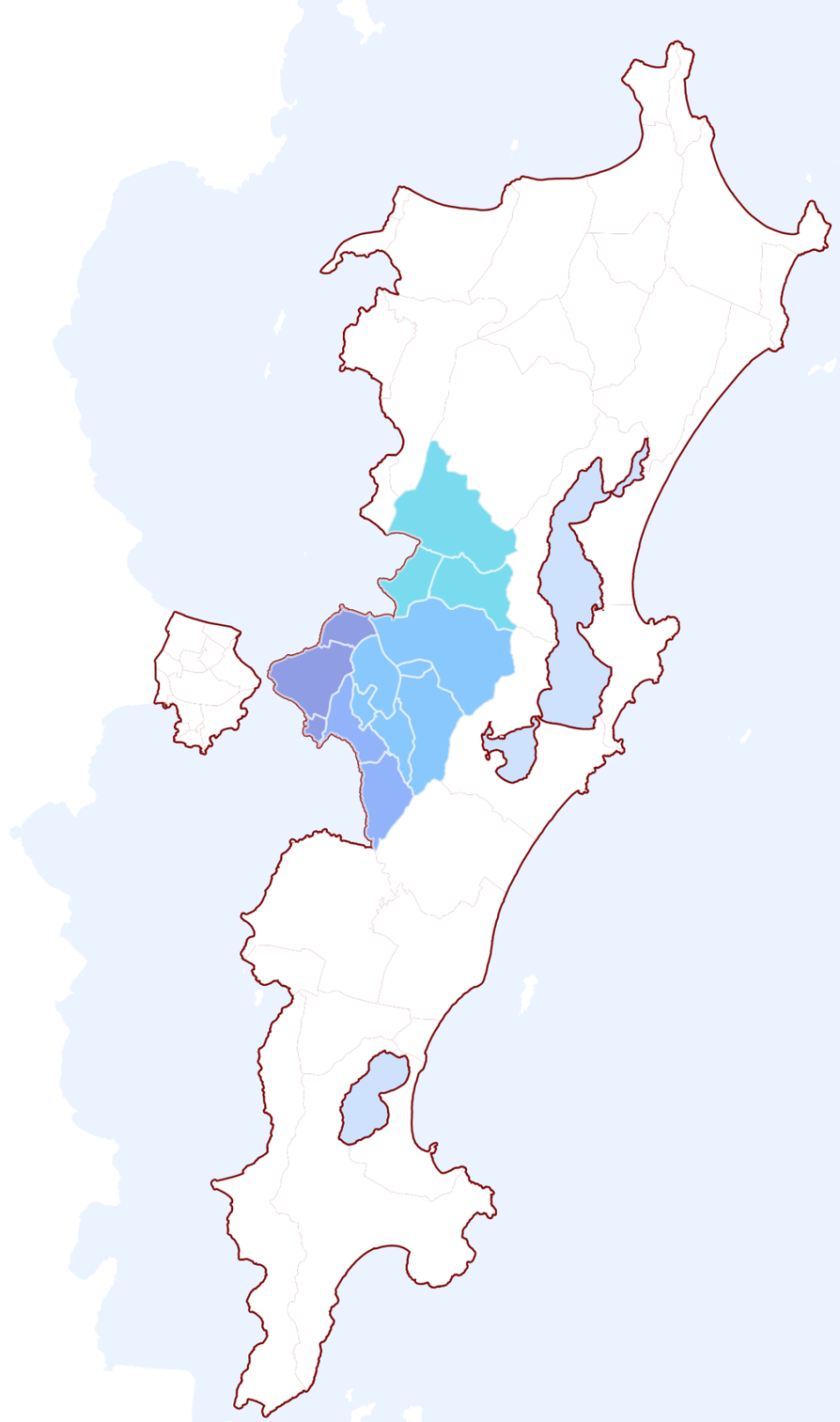
Região Sul da Ilha

Distrito Ribeirão da Ilha:
Bairro Alto Ribeirão
Bairro Ribeirão da Ilha

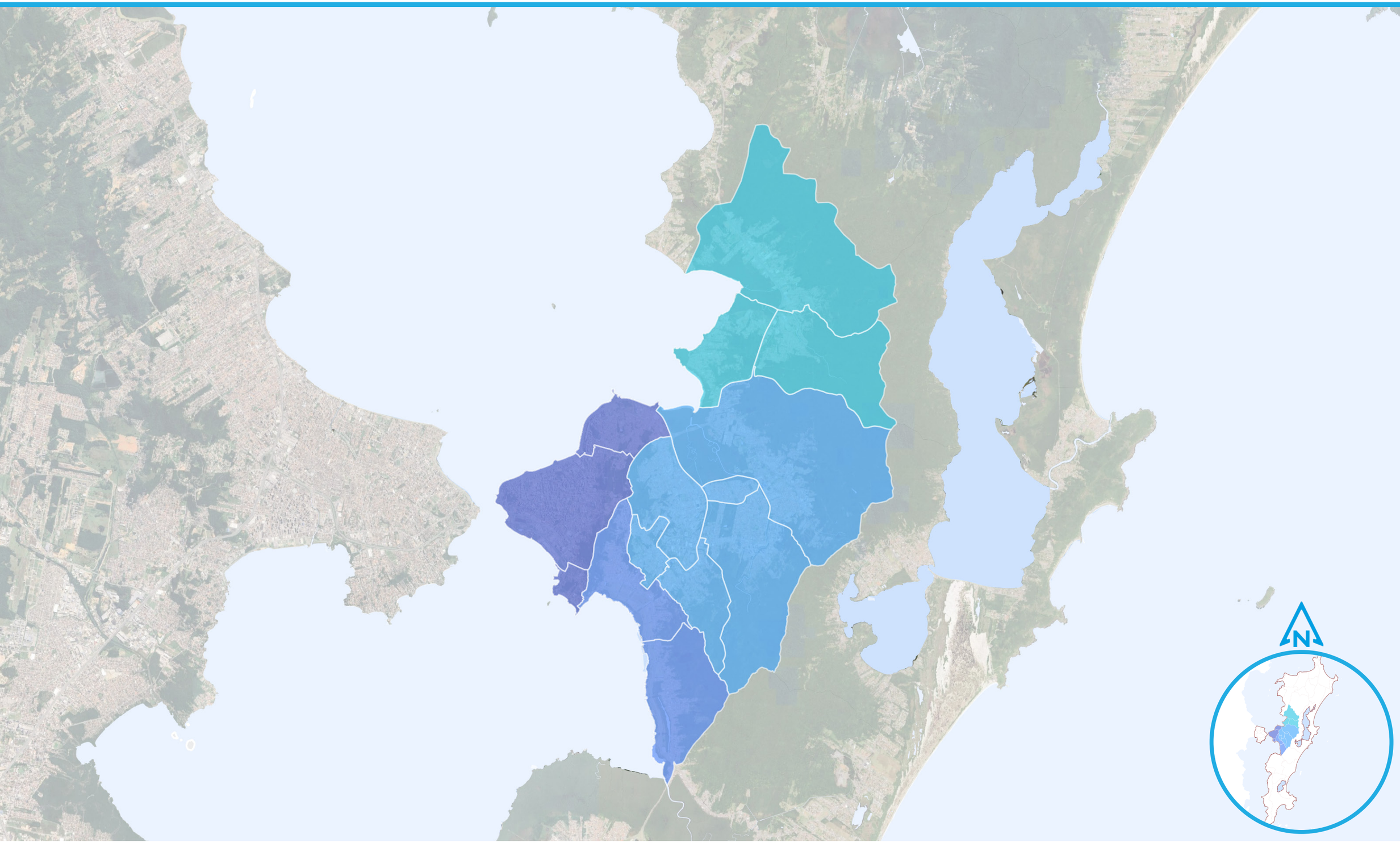
Distrito Pântano do Sul:
Bairro Armação
Bairro Pântano do Sul

Distrito Campeche:
Bairro Campeche
Bairro Morro das Pedras
Bairro Rio Tavares

Distrito Tapera da Base:
Bairro Carianos
Bairro Tapera da Base



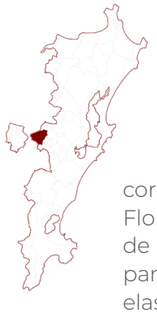
REGIÃO CENTRAL


N

DADOS DEMOGRÁFICOS

	ÁREA **(KM²)**	POP. ESTIMADA **(HAB.)**	DENSIDADE POP. **(HAB./KM²)**	DOM. ESTIMADOS **(UN.)**	DENSIDADE DOMICILIAR **(UN./KM²)**
CENTRO	5,39	42.308	7.849,35	23.368	4.335,44
AGRONÔMICA	1,97	18.675	9.479,70	7.976	4.048,73
JOSÉ MENDES	0,56	3.492	6.235,71	1.433	2.558,93
CARVOEIRA	0,98	10.740	10.959,18	5.788	5.906,12
CÓRREGO GRANDE	6,60	12.812	1.941,21	6.231	944,09
ITACORUBI	12,80	23.600	1.843,75	12.348	964,69
PANTANAL	2,31	7.690	3.329,00	4.576	1.980,95
SANTA MÔNICA	0,59	1.372	2.325,42	625	1059,32
TRINDADE	3,32	17.865	5.381,02	9.775	2.944,28
JOÃO PAULO	2,87	6.034	2.102,44	2.635	918,12
MONTE VERDE	5,05	7.525	1.490,10	3.092	612,28
SACO GRANDE	11,03	9.331	845,97	3.986	361,38
COSTEIRA DO PIRAJUBAÉ	4,19	8.535	2.036,99	3.499	835,08
SACO DOS LIMÕES	3,13	11.469	3.664,22	5.090	1.626,20

Fonte: Adaptado de Florianópolis. Secretaria Municipal de Planejamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano. Rede de Planejamento (REPLAN), 2026



DISTRITO SEDE

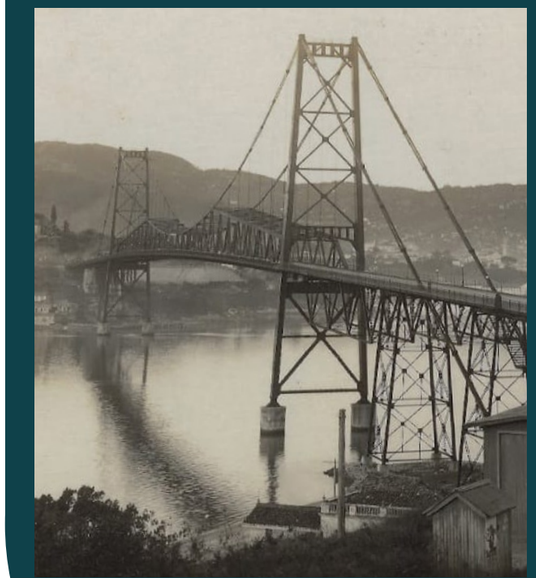
CENTRO

A ocupação colonial do território correspondente ao atual Centro de Florianópolis remonta às primeiras tentativas de ocupação permanente do território por parte de populações não-indígenas. Dentre elas merece destaque a tradicional narrativa a respeito da empreitada do vicentista Francisco Dias Velho e sua comitiva, formada por familiares, agregados e "quinhentos índios domesticados" (BRITO, 1816, p. 14), na segunda metade do século XVII, narrativa essa referida por diferentes autores ao longo da história com variação de datas e outros aspectos históricos. A Francisco Dias Velho se atribui a construção de uma ermida no local onde depois veio a se erigir a atual Catedral Metropolitana.

No entanto, a empresa de Dias Velho não se consolidou e a primeira ocupação por populações não indígenas veio efetivamente ocorrer com a política migratória de famílias açorianas e madeirenses para o litoral catarinense, ainda durante o período colonial, no século XVIII. Neste contexto, tais famílias foram alocadas em diferentes regiões do território que corresponde à atual cidade de Florianópolis, destacando-se, entre elas, o Centro da cidade onde foram construídos o Palácio do Governo, a Casa de Câmara e Cadeia, a Catedral, fortificações de caráter defensivo e outros edifícios institucionais, além de moradias. De acordo com Eliane Veras da Veiga:

> As construções alinhavam-se em ruas estreitas que, partindo do Largo da Matriz, se dirigiam às fontes d'água existentes nas proximidades. Locavam-se também junto das picadas que contornavam a orla marítima e das trilhas a caminho dos fortes e das igrejas (VEIGA, 2014, p. 27).

No entanto, apesar da ocupação planejada, não se desenvolveu na Ilha de Santa Catarina uma economia expressiva de produção de bens ou de destacado caráter industrial, tornando a população dependente de investimentos governamentais. Pelas mesmas razões, Desterro (posteriormente rebatizada como Florianópolis) ficou marcada como cidade administrativa, para além da função de entreposto marítimo no Atlântico Sul que já exercia desde o século XVI. Apenas durante a segunda metade século XIX e ao longo do século XX ocorreram mudanças mais expressivas no paradigma econômico e urbanístico, inicialmente com a atividade portuária e, posteriormente, com o maior fluxo de pessoas e veículos proporcionado pelos aterros e pontes que ligavam a Ilha ao continente.



Ponte Hercílio Luz - 1926
Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGSC)

Sobre a situação da região correspondente ao Distrito Sede entre os séculos XIX e XX o escritor Virgílio Várzea escreveu em seu livro "A Ilha", publicado a primeira vez em 1900:

> Florianópolis (Desterro), capital do Estado, é uma cidade pitoresca e agreste, colocada bem ao centro da costa ocidental da Ilha, ao fundo da baía do sul, em uma espécie de península que forma uma das pontas do Estreito, por onde decerto, em remotíssimas épocas geológicas, a Ilha se ligava à terra firme... Vista do mar, a cidade não impressiona bem aos que a visitam pela primeira vez, apesar do seu encanto paisagista, porquanto uma parte de sua frente, do lado do norte, onde correm os cais da Figueira, compõe-se ainda de casinhas antigas, com os fundos voltados para fora, exibindo quintalejos murados ou de tábuas e ripas, com uma multidão de embarcações miúdas em roda, como botes, batelões e canoas, puxados em terra ou em fabrico, para o serviço de seus habitantes, que são em totalidade marítimos, pois a Figueira foi e é, nas ruas mais próximas ao mar, o bairro dos embarcadiços. Quem passa por aí sente, desde o Morro do Wenceslau até ao canto da Rua Álvaro de Carvalho (antiga da Palma) um cheiro higiênico e sadio a piche, a verniz coltar, a alcatrão, a estopa, a mialhar, a ferro *patent*, a lona nova e a cabo de cairo ou linho, tudo isso que lembra navio e mar, e que nos dá uma vaga saudade das viagens longínquas, em que esse aroma saudável se nos apega às narinas, acompanhando-nos ainda, em terra, por dias e dias. O mesmo se nota nos prédios ao longo do outro cais (o principal da cidade) e que formam a ala sul das Ruas Altino Correa e João Pinto, desde o canto da Palma ao elegante edifício gótico da Capitania. Estes, porém, têm a atenuante de uma fachada para o mar e serem altos e limpos, posto que de construção antiga, como de resto a capital em geral, com exceção de algumas ruas e arrabaldes...As principais ruas de Florianópolis são em geral retas, planas e bem calçadas. Quatro delas representam o centro comercial, a *city* — como diríamos se se tratasse de uma grande capital — e são as denominadas Altino Correa (que é a mais importante), João Pinto, Trajano e República. Na primeira destas acha-se situada a grande casa comercial de Carl Hoepcke & Cia., a mais notável do Estado, que é um depósito completo de toda a sorte de gêneros e artigos, importados diretamente das principais praças da Europa e conduzidos por uma frota de navios a vapor e a vela, em contínuas viagens transatlânticas entre aquelas cidades e Santa Catarina. Esta casa joga com cerca de três mil contos de capital e abastece de tudo, não só o comércio catarinense em totalidade, como a muitas cidades do Paraná, para onde faz grandes vendas anuais. Outra casa do mesmo gênero, mas em menores proporções, é a de Ernesto Wahl & Cia., também importadora. As demais lojas negociam a retalho. Há porém, em grande número, armazéns de comissão e consignação, recebendo artigos industriais de Joinville e Blumenau, e exportando farinha de mandioca para os estados do Norte, bem como amendoim, couros, café, ovos, melado e banana, em avultados carregamentos, para diversos portos da União e para o Rio da Prata. No transporte da banana para Montevidéu e Buenos Aires, além dos paquetes do Lloyd Brasileiro, que levam ininterruptamente para esses destinos o convés e a tolda apinhados de cachos, embarcados aos milhares, há três vapores de grande arqueação, que fazem durante o inverno três ou quatro viagens mensais. O comércio da capital é o mais movimentado do Estado, quanto à importação; quanto à exportação porém sobrexcedem-no, e muito, o da Laguna, Itajaí, Blumenau, Joinville e São Francisco (VÁRZEA, 1984, p. 30-33).

A partir da década de 1950 prédios com mais de cinco andares passaram a ser erigidos na região central. Também na segunda metade do século XX a cidade passou a receber maiores investimentos governamentais para a construção de prédios institucionais e aterros, entre outras transformações urbanísticas, Mudanças essas envoltas também em um contexto de investimentos voltados para o setor turístico.



Bairro Centro, vista a partir do Morro da Cruz - 2018
Acervo próprio



Palácio Cruz e Sousa - 2025
Allan Carvalho, acervo da PMF



Pontes Colombo Salles e Pedro Ivo Campos - 2017
Acervo próprio



Vista aérea do bairro Centro,
Parque da Luz - 2017
Acervo próprio



Rua Conselheiro Mafra, bairro Centro - 2025
Allan Carvalho, acervo da PMF



Largo da Matriz, jogo de dominó - 2025
Allan Carvalho, acervo da PMF



AGRONÔMICA

Região outrora denominada Pedra Grande, o território que corresponde ao atual bairro da Agronômica já foi ocupado por chácaras e era local de passeio nos fins de semana. Segundo o escritor Virgílio Várzea, no contexto da virada do século XIX para o XX a região:

> atrai a si, aos domingos, uma grande parte da população desterrense, que percorre o bairro a carro, a cavalo, ou em grupos a pé, numa expansão , de alegria. Depois a extensão da rua principal e sua amplitude conferem uma certa feição de avenida campestre a toda Pedra Grande, tornando-a um verdadeiro paraíso para as excursões e cavalgatas (VÁRZEA, 1984, p. 55-56).



Rua Rui Barbosa - 1908
IHGSC

Segundo Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira (2016):

> A denominação desse bairro que resultou de ter seu eixo referencial na região que abrigou por quase dois séculos uma Fazenda Agrícola Experimental e de fomento às atividades agrícolas para os produtores rurais da Ilha. Quando se implantou na Cidade do Desterro, em 1882, o transporte urbano, organizado por bondes transitando sobre trilhos de aço e de tração animal (burricos), a Fazenda Agronômica foi escolhida para ser o final de linha e onde se fazia o retorno e transbordos. O local então passou a ser denominado de Estação da Agronômica, designativo que veio conservando continuamente até o tempo presente. Ao se instituir oficialmente o bairro pela lei 5.504/1999, o topônimo Agronômica, foi o escolhido para sua identificação. A Estação Agronômica, depois de se extinguir o serviço dos bondinhos (1934), passou a ser transformada em Residência oficial dos Governadores do Estado. Ficou também conhecida como residência da Agronômica. Para o popular, o designativo de Estação Agronômica continuou a ser empregado. A partir do instante que se transforma em residência oficial dos governadores, as atividades da fazenda são transferidas para a Freguesia da Santíssima Trindade de Traz do Morro e com o nome de Fazenda Assis Brasil (nome do interventor federal no exercício do governo do Estado por ocasião do êxito da Revolução de 1930). Essa fazenda hoje é o Campus da Universidade Federal de Santa Catarina (1960). O bairro ainda abrigou todo o processo de extensão rural com a criação, em 1948, do Ponto 4 — programa norte americano pós-guerra, de extensão e assistência rural e que mais tarde se transformou na ACARESC- Associação de Crédito e Extensão Rural no Estado de Santa Catarina. Esse órgão se transformou em organização estatal, a CIDASC. O bairro ainda veio abrigar importantes instituições como a Penitenciária de Santa Catarina (em extinção), o Abrigo de Menores (extinto), O Hospital Nereu Ramos, o Hospital Naval (já extinto) e o Hospital Infantil Joana de Gusmão. Com a construção da Avenida Beira Mar Norte surgiu uma forte urbanização do bairro e onde muitos outros órgãos oficiais foram se instalando, com destaque para o Centro Integrado de Cultura - CIC, em atendimento da classe de produtores culturais catarinenses (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 55-56).

Atualmente o bairro da Agronômica conta com uma paisagem muito distinta daquela que manteve relação com a origem de sua designação. Trata-se de um bairro bastante adensado e marcado por contrastes sócio-econômicos. A região mais próxima do mar é bastante valorizada, contando com prédios de luxo, avenidas e infraestrutura de lazer. Atrás dos paredões formados pelos mesmos prédios podem ser vistas comunidades mais pobres que se estendem pelas diferentes faces do Morro da Cruz.



Rua Rui Barbosa - 1935
IHGSC



Via urbana asfaltada - 19--
IHGSC



Vista aérea do bairro Agronômica - 2019
Acervo próprio



Praça Governador Celso Ramos - 2019
Acervo próprio



Vista aérea do bairro Agronômica - 2020
Acervo próprio



JOSÉ MENDES

Segundo a historiografia tradicional, José Mendes foi um conhecido proprietário de terras que viveu em Nossa Senhora do Desterro ainda durante o século XVIII. De acordo com o historiador Oswaldo Rodrigues Cabral, a denominação da localidade José Mendes deriva de uma chácara que o referido sujeito tinha e que dava acesso ao Saco dos Limões. Segundo Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira:

> Este é uma denominação tradicional e vem sendo aplicada desde 1721 quando veio habitar no local o sacristão da Matriz de Nossa Senhora do Desterro o Senhor José Mendes dos Reis. Isto é, chácara do Senhor José Mendes dos Reis ou somente José Mendes. - Esse senhor, que foi trazido de Lisboa para ser o Sacristão e o administrador da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, ganhou do Vigário da Paróquia, o Frei Henrique da Trindade, uma propriedade de cerca de 180.000m² como dote pelo seu casamento. - É um bairro bastante pequeno com menos de três quilômetros quadrados e, por isso, possui poucos topônimos (ZEFERINO, 2016, p. 140-141).



Ponta José Mendes - 1905
IHGSC

Atualmente configura-se como bairro bastante adensado, conservando exemplares residenciais de arquitetura eclética que contrastam com moradias de famílias mais humildes morro acima.



Ponta José Mendes - 2024
Acervo Próprio



DISTRITO TRINDADE

CARVOEIRA

Com poucas referências a esta localidade, Virgílio Várzea, na passagem do século XIX para o século XX, a referencia como uma "colina" próxima à Trindade e o Pantanal, por onde passa uma estrada de rodagem, provavelmente a atual rua Capitão Romualdo de Barros.

Acerca do topônimo que o bairro carrega, Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira afirmam que “deriva de ter tido nesse morro um conjunto de fornos produtores de carvão vegetal, produto com grande consumo nas atividades produtivas e de uso domiciliar de então” (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 87).

Atualmente trata-se de uma área bastante adensada, principalmente em virtude da proximidade com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que atrai milhares de estudantes e profissionais para a região.



Posto Zootécnico Dr. Assis-Brasil - 1920 a 1930
IHGSC



CÓRREGO GRANDE

Topônimo citado em documentos ainda durante o período colonial, sua denominação, segundo Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira, deriva de um afluente do Rio Itacorubi (2016). Atualmente configura-se como um bairro residencial, mas há quase 130 anos o escritor Virgílio Várzea o descreveu como possuindo uma ˜população rareada˜ (VÁRZEA, 1984, p. 129-130). O mesmo autor descreve o Córrego Grande como local de paisagem rural, onde era possível encontrar

> cafezais e canaviais, onde se notam várias espécies de cana — a denominada caiana, a roxa e a miúda. Os engenhos são numerosos e neles se fabrica bom açúcar, melado e cachaça. (VÁRZEA, 1984, p. 130).

Assim como o bairro Carvoeira, atualmente possui adensamento populacional signiticativo, estando próximo ao Centro e principalmente, à UFSC.



Vista aérea Parque Linear do
Córrego Grande - 2025
Allan Carvalho, acervo da PMF

Vista aérea para o Parque Ecológico Córrego
Grande ou "Horto Florestal"- 2019
Acervo próprio





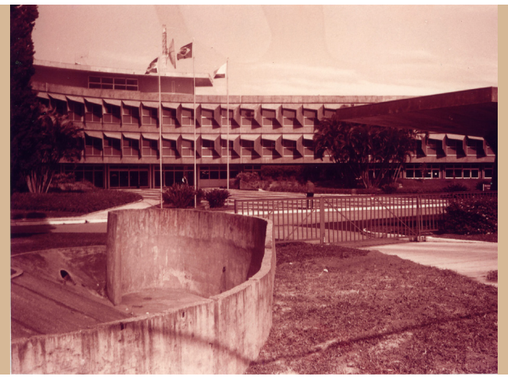
ITACORUBI

Documentos produzidos ainda no período colonial evocam a localidade de “Itacorobi”. Por vezes grafado também como “Itacoruby”, este topônimo faz referência a um curso d’água localizado na região que compreende o atual bairro de mesmo nome. Em mapas produzidos ainda no século XVIII, tal localidade é representada sendo atravessada por rotas terrestres que ligam a Villa de Nossa Senhora do Desterro às freguesias de Nossa Senhora das Necessidades e Nossa Senhora da Conceição da Lagoa.

O escritor Virgílio Várzea, no contexto da passagem do século XIX para o século XX, descreveu a paisagem da localidade do Itacorubi da seguinte maneira:

> Entre a ponta de Cacupé Grande e a do Recife, que é o extremo norte da capital, faz a costa uma reentrância, denominada Saco de Itacorubi ou Saco Grande, onde deságuam três pequenos rios — o Manoel Antônio, o do Bornelas e o Lessa ou Amorim, cujas nascentes vêm de uns montes próximos ao norte e da encosta do morro do Padre Doutor, na Lagoa. Toda essa região é plana e recortada por esses rios que formam, à pequena distância da costa, na altura da estrada circular da Ilha, o local das Três Pontes chamado, por existirem nele três grandes pontes de madeira, a poucos metros uma das outras, pontes que pelo terreno paludoso e raso em que estão, o mar cobre muitas vezes nas preamares anormais. O arraial do Saco Grande nucleia-se para lá dessas pontes, na parte enxuta do terreno, entre a Capotera e os montes. É pouco farto de culturas e não prospera na razão de sua situação, tão bem provida de comunicações — rio, mar e estrada — distante apenas hora e meia do coração da cidade. Seus habitantes são em geral mais pombeiros do que agricultores e ocupam-se mais do negócio de galinhas e ovos, que vão mercar ao Desterro, do que das lavouras. Entretanto o sítio, além de outras culturas, dá bom café e cana, esta última abundante em outros tempos, principalmente na Capotera, onde o velho Siqueira (abastado lavrador de outros tempos) possuía uma fazenda com grandes plantações que, pelas épocas da safra, davam açúcar e melado para exportação (VÁRZEA, 1984, p. 168-169).

Com a construção da Ponte Hercílio Luz, o cemitério que antes ocupava a área do atual Parque da Luz foi transferido para a região do Itacorubi, onde até hoje permanece, configurando-se como um marco referencial urbanístico da cidade. A região também é atualmente conhecida por ser um bairro predominantemente residencial, estando próximo da Universidade do Estado de Santa Catarina e da sede da CELESC.



TELESC - 1998
IHGSC



PANTANAL

Conhecido pelo caminho que ligava o Saco dos Limões à Trindade de Trás do Morro, o território que corresponde ao atual bairro do Pantanal manteve durante a maior parte dos últimos cinco séculos uma paisagem rural, com poucos sinais de ocupação humana, muito diferente dos dias de hoje. O escritor Virgílio Várzea nos descreve o que um observador poderia vislumbrar ao passar pela região denominada Pantanal por volta do ano 1900:

> O Pantanal é um arraial muito inferior em população e construções ao arraial do Saco, e acha-se situado à falda de uns cerros ao sul, de que é padrasto o Morro do Rio Tavares, tendo em frente, pelo norte, o vale formado entre os altos da Carvoeira e os daquele monte. Os sítios que contém são em geral terras de cultura, com simples mas risonhas casinhas rústicas e engenhos primitivos, uns feitos de alvenaria, muitos só de pau a pique barreado, cobertos de telha ou palha, em meio aos lençóis verde-escuro da rama da mandioca, as espadanas verde-claro dos canaviais que ondulam ao vento como uma floresta de alfanjes, ou entre cafeeiros tufados e pomares de altas frondes, onde sobressaem a laranjeira, o pessegueiro, a ameixeira e a fruta-de-conde. O nome de Pantanal vem-lhe talvez desse vale onde serpeia o riacho dos Limões que deságua à praia do Saco, vale em cujo terreno são frequentes os banhados, mas que é de um pinturesco impressionista pela linha rasa dos campos e no pendor das espaldas, ondulando em tonalidades sem fim de verdura a uma e outra margem da estrada, atravessada de pontes em seu leito arenoso e largo. Essa estrada, que descreve uma admirável curva de mais de três quilômetros de extensão, sempre orlada de altas cercas de espinheiros, interrompidas, cá e lá, por alguns pequenos trechos roçados ou renques de bastas árvores seculares, que o machado do lavrador poupara não se sabe porque benéfica singularidade — vai terminar no vasto largo da Santíssima Trindade, quase em frente ao sítio de onde parte a magnífica estrada que daí conduz à cidade pelas Carreiras e pela Pedra Grande. Quem transita por esse arraial aos domingos, a pé, a cavalo ou a carro, como tantas vezes nos sucedeu, outrora, em dias de repouso feliz e suave vilegiatura, goza a mais deliciosa impressão de serenidade, simpleza e doçura que constituem a vida campestre, vendo descuidosa e encantadoramente grupadas pelos terreiros das casas as lindas raparigas matutas, morenas e de expressivos olhos negros, que contemplam os passeantes, a chalrar alegremente por entre moitas de arbustos e de roseirais floridos (VÁRZEA, 1984, p. 127-129).



Escadaria do Pantanal - 2025
Andy Puerari, acervo da PMF

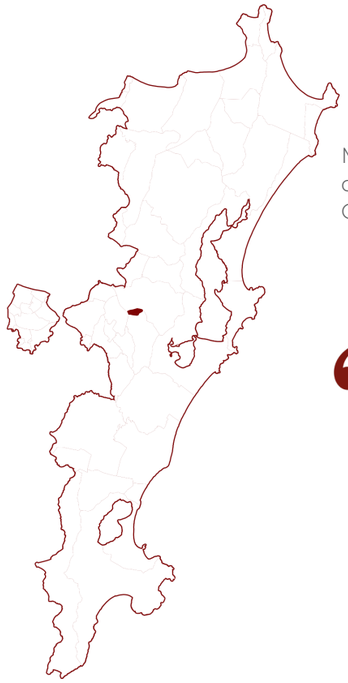
O contraste da paisagem descrita por Várzea com àquela que pode-se observar nos dias de hoje deriva, em muito, de um processo de adensamento populacional ocorrido, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, período em que se instalaram na Trindade e no próprio Pantanal a UFSC (1960) e a Eletrosul (1978), respectivamente.



Vista aérea do Itacorubi - 2019
IHGSC



Jardim Botânico - 2025
Allan Carvalho, acervo da PMF



SANTA MÔNICA

Localizado próximo ao Itacorubi e ao Córrego Grande, o bairro de Santa Mônica se caracteriza por ser tipicamente residencial e, ainda assim, próximo de movimentadas avenidas, universidade, supermercados e shopping center. Os autores Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira afirmam que:

> A organização do bairro foi decorrente do loteamento de uma grande chácara que pertenceu a Congregação das Irmãs da Divina Providência. Esse loteamento foi comercializado durante a década de setenta do século XX.Essa chácara fazia limite com outra chácara pertencente à Congregação dos Padres Jesuítas e que se denominava de Chácara Anchieta que após o seu loteamento e ocupação recebeu a denominação de Jardim Anchieta e integra este bairro. Já as terras da Irmandade da Sociedade Divina Providência receberam a denominação de Chácara Santa Mônica, uma freira que teve reconhecida sua santidade pelo Vaticano. A área é toda recortada pelo caminhar dos rios Itacorubi e o do Sertão formando uma grande área de manguezal que se encontra tombado como preservação natural e permanente. Por isso, sua expansão construtiva horizontal está esgotada restando o surgimento das construções verticais (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 185-186).



ESAG, UDESC - 1998
IHGSC



TRINDADE

A ocupação por populações não indígenas do território que atualmente corresponde ao bairro da Trindade começou a partir da segunda metade do século XVIII, com o assentamento de casais açorianos e madeirenses sob comando do brigadeiro José da Silva Paes. André Fabiano Voigt, em seu artigo "Memória do Bairro Trindade em Florianópolis", relaciona o assentamento daqueles casais, oriundos do outro lado do Atlântico, na região por conta da ligação terrestre entre a Vila de Desterro à Freguesia da Lagoa da Conceição, que passava pelos atuais bairros da Trindade e do Córrego Grande. Em 23 de março de 1853, por meio da Lei Provincial nº 352, o povoado da Trindade de Trás do Morro tornou-se freguesia. A partir da segunda metade do século XX nota-se um evidente adensamento populacional na região da Trindade, muito provavelmente relacionado à instalação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina, atual Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Segundo Virgílio Várzea, em seu livro "A Ilha", de 1900:

> A freguesia de Trás do Morro, já nossa conhecida pela célebre romaria da Trindade, está situada entre o monte do Pau da Bandeira e os do Córrego Grande, Rio Tavares e Lagoa, que formam entre si uma superfície ondulada de 30 a 40 quilômetros quadrados, em sua maior parte, como vimos, cultivada de cereais, cafeeiros, cana, pastagens e vinhas, para as quais terreno e clima se prestam admiravelmente, como aliás toda a Ilha. O solo da freguesia ocupa vasta área toda plana e cortada de culturas, que se irradiam em torno da praça onde se acha a igrejinha, cercada de interessantes habitações, dentre as quais se destacam algumas chácaras com jardins. Para o lado do norte, estende-se o Campo das Camarinhas, onde se fazem corridas de cavalos e onde por essa ocasião se reúne o mundo esportivo de Florianópolis. Antigamente tais corridas eram feitas no campo aberto e sem preparo, mas hoje acha-se aí construído um prado com todos os requisitos e modelado pelos do Rio de Janeiro...Em Trás do Morro abundam as hortaliças e as pastagens criadoras, estas cobertas de nédias vacas crioulas. E seus habitantes fornecem legumes e leite à capital, fazendo este comércio rapazinhos de 12 a 15 anos (VÁRZEA, 1984, p. 169-170).



Biblioteca Central, UFSC - 19--
Acervo UFSC



Vista superior dos bairros Trindade e Santa Mônica - 2018
Acervo próprio

DISTRITO SACO GRANDE



JOÃO PAULO

Bairro localizado na região centro-norte da Ilha de Santa Catarina, sua denominação mantém relação com a Rodovia João Paulo, assim denominada pela Lei Municipal 597/1964. Segundo Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira, João Paulo foi:

> Topônimo atribuído a este bairro nos termos da Lei 5540 que instituiu oficialmente os bairros da cidade de Florianópolis (Cidade e não Município) e em substituição ao secular e tradicional Saco Grande, como sempre teria sido conhecido. Com essa Leio território do antigo Saco Grande foi dividido em três bairros, o bairro Monte Verde e no extremo norte, em divisa com Santo Antônio de Lisboa, o bairro que conservou a denominação primitiva de Saco Grande, porém, já fora da costa marítima que em se configurando em um saco emprestava esse termo geográfico para a comunidade. O nome escolhido pelo legislador foi estabelecido em homenagem ao Senhor João Paulo da Costa que durante anos manteve, no entroncamento dos caminhos para Santo Antônio e leste da Ilha de Santa Catarina, um grande armazém, que, por isso,era referência para orientação e recebimento e expedição de correspondências e mensagens (recados como eram designadas as mensagens curtas e verbais) diversas. Foi um senhor que marcou época na região (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 139-140).



Vista superior do bairro João Paulo - 2019
Acervo próprio

Na década de 1970 o bairro era apontado pela mídia local como área carente de infraestrutura, especificamente com relação ao fornecimento de água e serviço de transporte coletivo. Atualmente o bairro do João Paulo conta com equipamentos públicos como escola e unidade de saúde, além de empreendimentos e residências que atendem camadas abastadas da população.



MONTE VERDE

Localizado entre o Itacorubi e o Saco Grande, a história da ocupação significativa do território do bairro Monte Verde, por populações não indígenas, é tardia e remonta ao século XX, conforme mostram mapas e fotografias aéreas. Segundo os autores Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira, o topônimo deriva de:

> uma pequena elevação entre os Morros da Pedra de Listras e do Morro do Senhor Manoel Lacerda, formando uma grande área de pastagens entrecortada por regato. Foi uma grande chácara junto a antiga Capela do Saco Grande, e que, tendo sido essa área loteada e urbanizada ganhou a denominação de Parque Monte Verde, e, agora, pela Lei 5.504 de bairro Monte Verde. Foi um bairro organizado a partir de 1975 (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 152).



SACO GRANDE

A ocupação não indígena no território correspondente ao atual bairro do Saco Grande remonta ao período colonial, de acordo com fontes cartográficas do período. A região era marcada pela rota terrestre que ligava a Vila de Desterro à Freguesia de Santo Antônio das Necessidades. Não há sinais de grandes mudanças no território ao compararmos mapas do período colonial com o período imperial. Em diferentes fontes a região aparece denominada também como “Saco do Itacoruby”. Em sua obra denominada “Santa Catarina, a Ilha”, datada de 1900, o escritor Virgílio Várzea, já no período republicano, nos dá uma descrição da região:

> O arraial do Saco Grande nucleia-se para lá dessas pontes, na parte enxuta do terreno, entre a Capotera e os montes. É pouco farto de culturas e não prospera na razão de sua situação, tão bem provida de comunicações — rio, mar e estrada — distante apenas hora e meia do coração da cidade. Seus habitantes são em geral mais pombeiros do que agricultores e ocupam-se mais do negócio de galinhas e ovos, que vão mercar ao Desterro, do que das lavouras. Entretanto o sítio, além de outras culturas, dá bom café e cana, esta última abundante em outros tempos, principalmente na Capotera, onde o velho Siqueira (abastado lavrador de outros tempos) possuía uma fazenda com grandes plantações que, pelas épocas da safra, davam açúcar e melado para exportação (VARZEA, 1900, p. 168-169).

Ainda no século XX, através de fotografias aéreas, é possível inferir que houve a existência de um processo gradual de adensamento urbano da área. Evidências desse processo, como o aumento da área edificada e abertura de vias, aparecem timidamente nas fotografias aéreas de 1977, cenário que contrasta com a situação ocupação representada na fotografia aérea de 1994, já muito mais adensada.



Paisagem Saco Grande - 2024
Acervo próprio



Paisagem Saco Grande - 2024
Acervo próprio



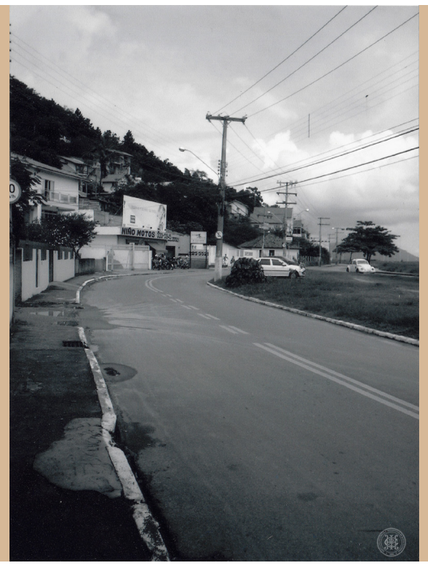
DISTRITO SACO DOS LIMÕES

COSTEIRA DO PIRAJUBAÉ

Denominada pelo escritor Virgílio Várzea, na virada do século XIX para o século XX, como "Costeira do Pregibaé", a paisagem do referido território é descrita de maneira muito distinta do quadro atual:

> A freguesia de Trás do Morro, já nossa conhecida pela célebre romaria da Trindade, está situada entre o monte do Pau da Bandeira e os do Córrego Grande, Rio Tavares e Lagoa, que formam entre si uma superfície ondulada de 30 a 40 quilômetros quadrados, em sua maior parte, como vimos, cultivada de cereais, cafeeiros, cana, pastagens e vinhas, para as quais terreno e clima se prestam admiravelmente, como aliás toda a Ilha. O solo da freguesia ocupa vasta área toda plana e cortada de culturas, que se irradiam em torno da praça onde se acha a igrejinha, cercada de interessantes habitações, dentre as quais se destacam algumas chácaras com jardins. Para o lado do norte, estende-se o Campo das Camarinhas, onde se fazem corridas de cavalos e onde por essa ocasião se reúne o mundo esportivo de Florianópolis. Antigamente tais corridas eram feitas no campo aberto e sem preparo, mas hoje acha-se aí construído um prado com todos os requisitos e modelado pelos do Rio de Janeiro...Em Trás do Morro abundam as hortaliças e as pastagens criadoras, estas cobertas de nédias vacas crioulas. E seus habitantes fornecem legumes e leite à capital, fazendo este comércio rapazinhos de 12 a 15 anos (VÁRZEA, 1984, p. 169-170).

Atualmente a paisagem do território que corresponde ao bairro da Costeira do Pirajubaé apresenta-se bastante adensado, marcado por moradias que sobem o morro e pelas vias de rápida circulação sobre uma grande área aterrada no final do século XX.



Rua Aldo Alves - 2007
IHGSC



Paisagem da Costeira do Pirajubaé - 2024
Acervo próprio



Vista da Baía Sul para o Parque Natural Municipal do Maciço da Costeira - 2024
Acervo próprio



SACO DOS LIMÕES

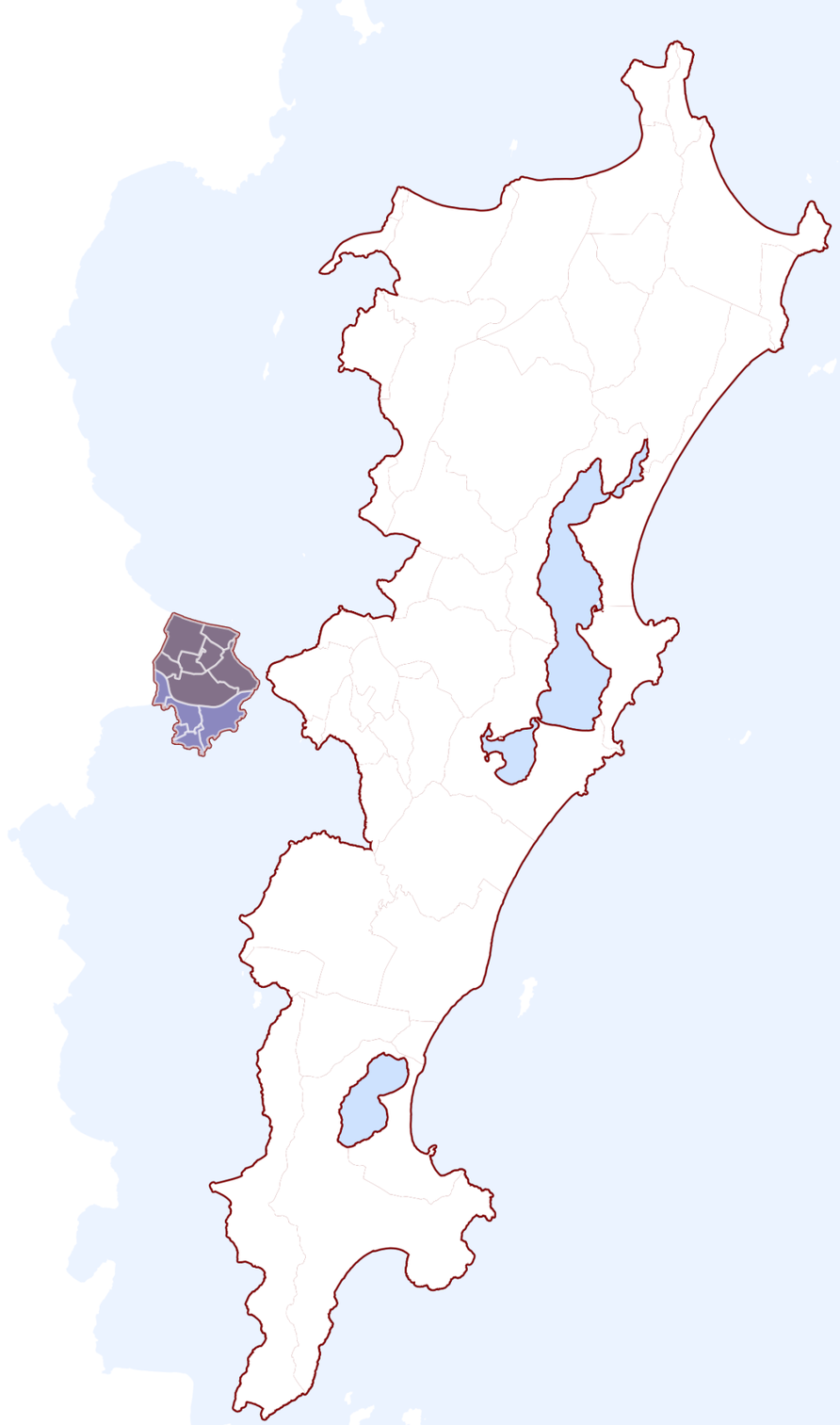
Com base na consulta de mapas e plantas dos últimos três séculos é possível verificar princípios de ocupação do território que corresponde aos atuais bairro e parte do distrito do Saco dos Limões a partir do século XIX, quando aparecem os primeiros indicativos cartográficos de edificações naquela parte do litoral. Já adentrando o século XX, o escritor Virgílio Várzea em seu livro “A Ilha”, de 1900, nos apresenta um panorama da região:

> “O Saco dos Limões demora a três quartos de légua do Desterro, ao fundo da pequena enseada cujo litoral, outrora coberto de limoeiros como toda vizinhança da capital e com um pronunciado contorno de saco fechado pelas pontas Caiacanga-mirim e das Almas, conferiu-lhe o nome por que é conhecido desde muitos anos. O arraial está assente em parte sobre a colina da Carvoeira, que faz um amplo cabeço na costa e vai morrer para o centro junto a Trás do Morro. A outra parte desce para a praia, alongando-se em enorme curva alvacenta até a Costeira de Pregibaé. É nesse alto, caindo em espécie de anfiteatro sobre as águas, que se grupam as habitações principais do povoado, pequenas construções de pedra e cal, de sistema comum, com jardinzinhos floridos e terrenos bem plantados. Nota-se porém entre elas algumas chácaras maiores, à semelhança das da cidade, pertencentes a negociantes que vão para ali veranear todos os anos. Na linha da praia, a um lado e outro, quer na altura onde começa a estrada do Pantanal, quer ao norte, no lugar denominado o Canto, em que se ergue o outeiro do Mato da Figueira — as casas são rareadas, não passando em seu maior número de meiáguas e ranchos, por entre os quais veem-se os varais das redes, muitas canoas de pescaria puxadas em terra ou fundeadas, e, em terrenos mais altos e preparados como eiras, o disco elevado e amplo das caieiras primitivas, feitas com certa arte...O arraial, aprazível pela sua paisagem, é entretanto meio insalubre, devido talvez à vasa da praia, que, de manhã e à tarde, pela baixa-mar, fica inteiramente descoberta desprendendo exalações e miasmas. Do Saco dos Limões partem para o interior, além da estrada que pelo litoral segue para Pregibaé, Rio Tavares, Ribeirão, etc., mais duas outras de rodagem — a da Carvoeira e a do Pantanal: a primeira percorrendo toda a colina do seu nome e indo findar à freguesia da Trindade; a segunda atravessando o arraial de que toma a denominação até aos morros do Córrego Grande, onde se bifurca voltando à esquerda para Trás do Morro, à direita para o monte da Lagoa ou do Padre Doutor, onde vai terminar em atalho (VÁRZEA, 1984, p. 124-127).”

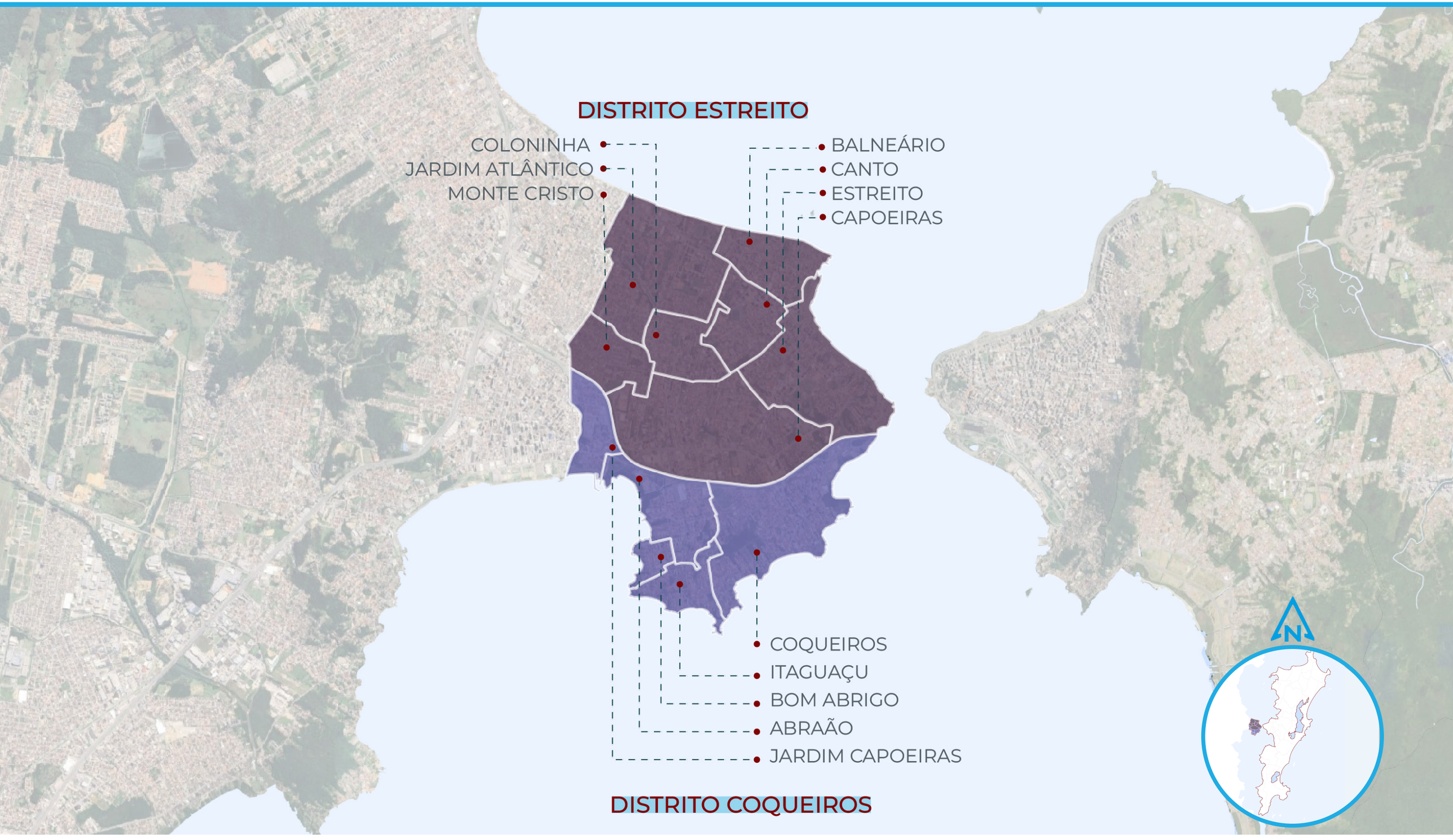
Entretanto, a aglomeração urbana veio a ocorrer de maneira mais expressiva em meados do século XX. Neste mesmo período temos a inserção da Vila Operária, mais especificamente no ano de 1942, composta por 100 casas construídas pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários para seus associados na capital catarinense. Parece ser razoável afirmar que tal obra impactou a paisagem e o quadro de ocupação da região, contribuindo para seu adensamento populacional.



Vista aérea do bairro Saco dos Limões - 2018
Acervo próprio



REGIÃO CONTINENTAL


DISTRITO ESTREITO
COLONINHA
JARDIM ATLÂNTICO
MONTE CRISTO
BALNEÁRIO
CANTO
ESTREITO
CAPOEIRAS
COQUEIROS
ITAGUAÇU
BOM ABRIGO
ABRAÃO
JARDIM CAPOEIRAS
DISTRITO COQUEIROS
N

DADOS DEMOGRÁFICOS

	ÁREA (KM²)	POP. ESTIMADA (HAB.)	DENSIDADE POP. (HAB./KM²)	DOM. ESTIMADOS (UN.)	DENSIDADE DOMICILIAR (UN./KM²)
ABRAÃO	0,85	7.717	9.078,84	3.696	4.348,42
BOM ABRIGO	0,18	1.339	7.438,89	626	3.477,78
COQUEIROS	1,77	13.396	7.568,36	6.399	3.615,25
ITAGUAÇU	0,47	1.761	3.746,81	864	1.838,30
JARDIM CAPOEIRAS	0,47	1.545	3.287,23	628	1.336,17
BALNEÁRIO	0,71	5.674	7.991,55	2.713	3.821,13
CANTO	0,68	6.509	9.572,06	3.088	4.541,18
CAPOEIRAS	2,39	17.278	7.229,29	8.121	3.397,91
COLONINHA	0,60	4.517	7.528,33	2.269	3.781,67
ESTREITO	1,53	9.290	6.071,90	4.531	2.961,44
JARDIM ATLÂNTICO	1,78	12.773	7.175,84	5.776	3.244,94
MONTE CRISTO	0,59	11.219	19.015,25	4.364	7.396,61

Fonte: Adaptado de Florianópolis. Secretaria Municipal de Planejamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano. Rede de Planejamento (REPLAN), 2026

DISTRITO ESTREITO



BALNEÁRIO

Segundo o historiador Sandro Silveira Costa, a região que corresponde ao atual bairro do Balneário do Estreito foi alvo da especulação imobiliária catarinense a partir da década de 1920, assim como de outras regiões continentais à época, para construção de loteamentos dirigidos a famílias abastadas (COSTA, 2002). O contexto desses investimentos se deu a partir da ligação terrestre proporcionada pela Ponte Hercílio Luz, transformando bairros do continente em regiões de veraneio. Atualmente trata-se de um bairro tipicamente residencial.

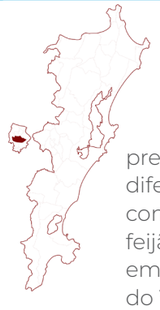


CANTO

Localizado na região continental de Florianópolis, o território que atualmente corresponde ao bairro Canto, no distrito do Estreito, fazia parte da jurisdição da cidade vizinha de São José até o ano de 1944, quando, por meio do Decreto Estadual 941/1943, os limites da capital passaram a abranger aquela e outras tantas localidades do continente próximo. Poucas são as referências disponíveis acerca das origens do topônimo "Canto" para a localidade em questão (pois muito se encontra sobre "outros cantos", como o do Araçá, por exemplo), mas sabe-se que havia menções a ele em jornais catarinenses pelo menos desde a década de 1970. De acordo com Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira:

> "É um bairro diminuto e resulta de, no passado, ser o entroncamento de diversos caminhos como um canto final da localidade do Estreito. Foi também o ponto final das linhas dos ônibus de transporte urbano de Florianópolis, fato que o tornou bastante referenciado. Com sua rápida urbanização viu crescer outros bairros tais como o Balneário, o Jardim Atlântico, a Coloninha e o próprio Estreito, restando-lhe pequena área referencial e, por isso, não apresenta topônimos a serem registrados (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 83)."

Com relação ao processo de ocupação de sua área, sabe-se, por meio da comparação de fotografias aéreas feitas sobre a região em diferentes momentos ao longo do século XX, que até pelo menos 1938 a paisagem da localidade era marcada por poucos sinais de ocupação, tendo esse cenário mudando a cada década que se passava. Hoje trata-se de uma área bastante urbanizada. Seu principal marco urbanístico é, provavelmente, o Estádio Orlando Scarpelli, inaugurado em 1960.



CAPOEIRAS

Bairro localizado na região continental de Florianópolis, Capoeiras é região marcada pela presença de edifícios empresariais, comércio e vias de rodagem de rápida circulação, cenário muito diferente da descrição da localidade de "Capoeira", descrita em documentos do período colonial como um dos locais da Freguesia de São José onde existiam pequenas lavouras de arroz, milho e feijão. A área do atual bairro foi anexada à jurisdição de Florianópolis pelo Decreto 941, publicado em 31 de dezembro de 1943 com vigor no início de 1944. Segundo Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira, o termo "capoeiras":

> "resulta do tipo da vegetação encontrada em seus vários promontórios. Capoeira é um termo semântico com inúmeros significados. Um desses significados é identificador de um tipo de vegetação de médio porte encobrindo pequenas elevações. É uma vegetação que oferecia oportunidade de corte para lenha e, por isso, foi desenvolvida a atividade de produção de lenha, em época que não se possuía outros combustíveis, especialmente de uso doméstico, sendo assim as capoeiras da região foram exploradas para o abastecimento de toda a região e principalmente do Centro de Florianópolis. Era o local das capoeiras consagrado secularmente o seu uso que se consagra agora como topônimo para esse bairro que só veio a ter desenvolvimento expressivo após 1960 quando começa a expansão urbana tanto de Florianópolis como do vizinho Município de São José (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 85)."



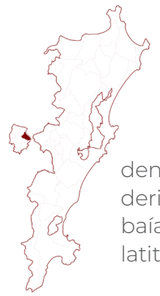
COLONINHA

Localidade situada na parte continental de Florianópolis, a Coloninha esteve sob jurisdição da cidade de São José até o ano de 1944, quando passou a integrar o território da capital.

Segundo Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira:

> "Essa denominação Coloninha só vai aparecer em uso após 1945, e, agora, confirmada oficialmente mediante a criação do referido bairro. Em se tratando de um bairro bastante pequeno territorialmente não possui vários topônimos, apenas dois, o do próprio bairro e o do Rio Buchele, que lhe serve de linha divisória com outras áreas. Essa denominação Coloninha teve início na década de quarenta do século passado quando a área, que em parte pertencia ao Pasto do Gado, começou a ser invadida por imigrantes negros provindos dos municípios próximos à Capital e, também, saídos dos morros da Ilha, expulsos pelo progresso e até pela venda de seus terrenos, que, inclusive, também, resultavam de ocupações ilegítimas. ..."

> Com uma significativa concentração de barracos nasceu-lhe a topônimo de Coloninha, e, para alguns, um quilombo, muito embora tal expressão não estivesse em uso, como agora já no século XXI, para as áreas ocupadas por afro descendentes. Como acontece com essas aglomerações, seu território em guarnecido por regras próprias e de fechamento de entradas ou ingressos indesejados, os quais recebiam forte resistência ou repulsa. Era temerário para desconhecidos entrarem na Coloninha. Foi de início, um gueto fechado e que aos poucos foi se abrindo para uma urbanização. O progresso do Estreito, a construção do Estádio Orlando Scarpelli, e as principais vias se abrindo, os pobres foram sendo lentamente substituídos por moradores de melhores recursos. Assim, vieram novas construções que transformaram a Coloninha em um bairro residencial, e agora com a hierarquia de bairro oficial do Município de Florianópolis, tem, em seu território, instalada a Secretaria do Continente (ZEFERINO; PEREIRA; 2016, p. 92).



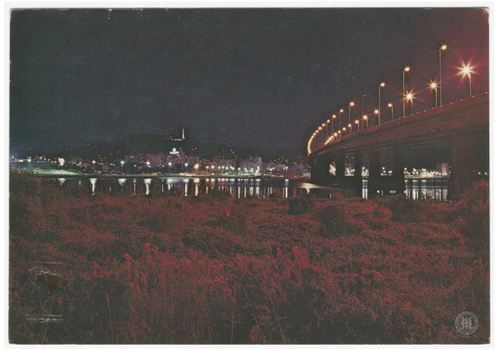
ESTREITO

Território que passou à jurisdição de Florianópolis em 1° de janeiro de 1944, a região denominada Estreito pertencia anteriormente ao município de São José. A origem deste topónimo deriva da proximidade do local com a Ilha, que forma uma estreita passagem marítima entre as baías norte e sul, de modo que o antigo cemitério localizado na margem insular desta mesma latitude, onde hoje localiza-se o Parque da Luz, era também denominado Cemitério do Estreito.

Eliane Veras da Veiga, em seu livro “Florianópolis: Memória Urbana”, citando trecho de “Paulistas em Santa Catharina”, de Lucas Alexandre Boiteux, escreve que um tal Manoel Gonçalves de Aguiar, que teria estado pela Ilha de Santa Catarina entre 1711 e 1715, teria afirmado que “na terra firme, na ponta do Estreito, esteve algum tempo a primeira povoação e por causa do gentio bravo que então ali havia, a passaram para a ilha” (VEIGA, 2014, p. 21). Numa das representações mais antigas, que se tem conhecimento, do território da Ilha de Santa Catarina e das terras do continente próximo à ela, o navegador germânico Hans Staden inseriu referências à uma cruz, uma cerca, edificações e figuras humanas na parte continental do estreito.

No entanto, poucas reminiscências do período colonial permanecem no lado continental do atual território de Florianópolis, sendo talvez a mais destacada o Forte de São João do Estreito. Com relação ao período pré-colonial, há reminiscências de um sambaqui localizado na avenida Fúlvio Aducci, em frente ao imóvel de número 416 (BUENO; REIS, 2021).

De acordo com informações contidas em relatório enviado pelo governador da Ilha de Santa Catarina, João Alberto de Miranda Ribeiro, ao Vice-Rei do Estado do Brasil, D. Antônio José de Castro, em 1797, regiões localizadas no atual território do Estreito, à época parte da Freguesia de São José, foram descritas com um aspecto um tanto rural:



Vista para a Ponte Colombo Machado - 1994
IHGSC



Vista aérea do bairro Estreito - 2017
Acervo próprio

> Freguezia de S. Jozé.
>
> O terreno dos Barreiros até á Ponta do Leal, he fertil para Mandioca, Arroz, Milho, Feijão Linho e Algodão.
>
> Da ponta do Leal até o Estreito que fica de frente da Villa Capital de Desterro, Coqueiros, Taguassu, e Abrão, dá suas Mandiocas, Arroz, Feijão, Cana, Algodão, e Linho, mas há poucas terras para a Plantasão.
>
> Capoeira e Praia Comprida, dá Arrôz, Milho, Feijão, porem muito pouco, por Cujo motivo os seus moradores trabalhão na Picada do Norte, e alguns em Maruhi, onde se dá tudo muito bem.
>
> No Arraial da Freg.ª, são as terras muito fracas, e pouco produzem. No Rio do Passavinte, são as Terras boas, e dão de tudo. Arquivo Histórico Ultramarino (1797).

Adentrando o período Imperial, a ocupação do território da parte continental do estreito pode ser analisada a partir de apontamentos feitos em mapas e plantas da cidade, como é o caso da Planta Topographica da Cidade do Desterro levantada pelos Engenheiros Major Dor. Antonio Florencio Pereira do Lago e Carlos Othom Schlappal em 1876. É possível identificar que, apesar de haver poucas indicações de edificações no local, na região encontravam-se importantes instalações, como a estação telegráfica, casa de pólvora, ranchos de canoas para efetuar a passagem de pessoas para a Ilha e caminhos que ligavam a capital a demais pontos da província.

O século XX marca transformações profundas na paisagem do estreito. Talvez o principal fator para isso tenha sido a construção das três pontes que, em diferentes momentos (mais especificamente a partir dos anos 1926, 1975 e 1991) passaram a ligar continente e ilha. A facilidade de trânsito proporcionada pelas pontes é tomada por pesquisadores como um dos principais fatores responsáveis pelo adensamento urbano da região do Estreito. No ano de 1944, como consequência de um decreto emitido pelo interventor da República, Nereu Ramos, a jurisdição do Estreito passa de São José para Florianópolis. Ainda no século XX houve a instalação do 63° Batalhão de Infantaria do Exército e a Escola de Aprendizes de Marinheiros, locais que tornaram-se referências na cidade.



Vista aérea do bairro Estreito - 2017
Acervo próprio

JARDIM ATLÂNTICO

Um dos bairros de Florianópolis que faz divisa com a cidade de São José, a região que corresponde atualmente ao Jardim Atlântico pertencia, até o ano de 1944, ao referido município vizinho. Quanto a sua denominação, Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira afirmam que resultou de:

> um empreendimento imobiliário de 1960 (que loteou uma grande área que recebia vários nomes tais como: Morro do Sapé, Pasto do Gado, Morro dos Barreiros e local de retirada de barro para as olarias. Sua concepção urbanística teve qualidade e foi rapidamente ocupado se constituindo em um conjunto habitacional de boa qualificação (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 139).

MONTE CRISTO

O território que compreende o atual bairro do Monte Cristo localiza-se na parte continental de Florianópolis desde 1944, quando os limites da cidade deixaram de se restringir apenas à Ilha de Santa Catarina e passaram a cobrir territórios até então pertencentes à cidade vizinha de São José. A origem do topônimo Monte Cristo, para se referir à região em questão, é assunto de poucas referências. Segundo os autores Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira:

> Designação desse bairro instituído pela Lei 554/1999, e integrante do Subdistrito do Estreito e do Distrito Sede do Município de Florianópolis. Trata-se de uma comunidade bastante recente e resultou da expansão populacional de baixa renda que aportava em Florianópolis a partir da década de setenta do século XX,e que passa a invadir certas áreas que estavam semi-devolutas como foi essa área. Ela integrava um projeto do Governo do Estado, no governo Jorge Bornhausen, para construção de um Estádio Municipal. O projeto, não prosperou e, depois da construção da via expressa sul - BR 282 — ficou uma faixa remanescente que passou a ser invadida. Ao início dos anos 1970 foi iniciado um projeto denominado pró casa oferecendo moradias de renda popular. Após 1980 a área foi semi-urbanizada e passou a adquirir imagem de regularidade social. É um bairro de pequenino território e de topônimos ainda não consolidados. Dentro do bairro há um afluente tributário do Córrego do Araújo. A denominação de Monte Cristo surgiu sem maiores registros e foi definida em função de trabalhos de religiosos em suas ações pastorais de apoio às famílias carentes (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 152-153).

DISTRITO COQUEIROS

ABRAÃO

Segundo Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira (2016), as origens do topônimo Abraão para designar o atual bairro de Florianópolis não possuem raízes religiosas:

> Bairro continental e integrante do Sub Distrito do Estreito e instituído pela lei 5.504/1999 e sofreu pequenas alterações em seus limites no ano de 2005. A localidade desde o século XVIII era conhecida como Abrão ou ainda Furnas. A lei referida consagrou a grafia Abraão...Abra é um termo geográfico indicando um tipo de desenho ou enseada formada pelo mar junto à costa terrestre. Quando há uma abra maior emprega-se o termo Abrão, topônimo secularmente aplicado para localidade e que, pela lei 5.504, foi alterado para Abraão em relação ao antropônimo do profeta e de um morador do local (sic) (PEREIRA, ZEFERINO, 2016, pág. 54).

Os mesmos autores, na mesma obra, afirmam que o topônimo também faz referência a um pequeno riacho irregular cuja nascente e leito localizam-se no bairro de mesmo nome. As referências à localidade do Abraão são escassas na historiografia local, mas sabe-se que a região atualmente correspondente à parte continental de Florianópolis conta com a presença humana não indígena desde o século XVI.



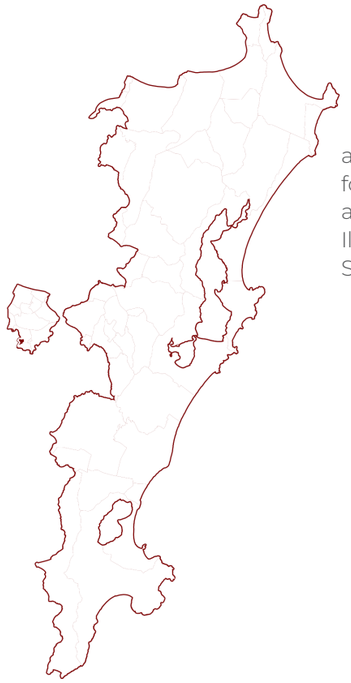
Praia do Abraão - 1982
IHGSC



Vista aérea do bairro
Abraão - 2019
Acervo próprio



Vista aérea do bairro Abraão - 2019
Acervo próprio



BOM ABRIGO

De forma semelhante aos processos urbanísticos ocorridos na região do atual bairro do Balneário, no continente, a localidade de Bom Abrigo também foi alvo da especulação imobiliária para a construção de loteamentos dirigidos a famílias de alta renda. Tal fenômeno esteve ligado ao acesso terrestre entre Ilha e continente proporcionado pelas pontes. Segundo o historiador Sandro Silveira Costa:

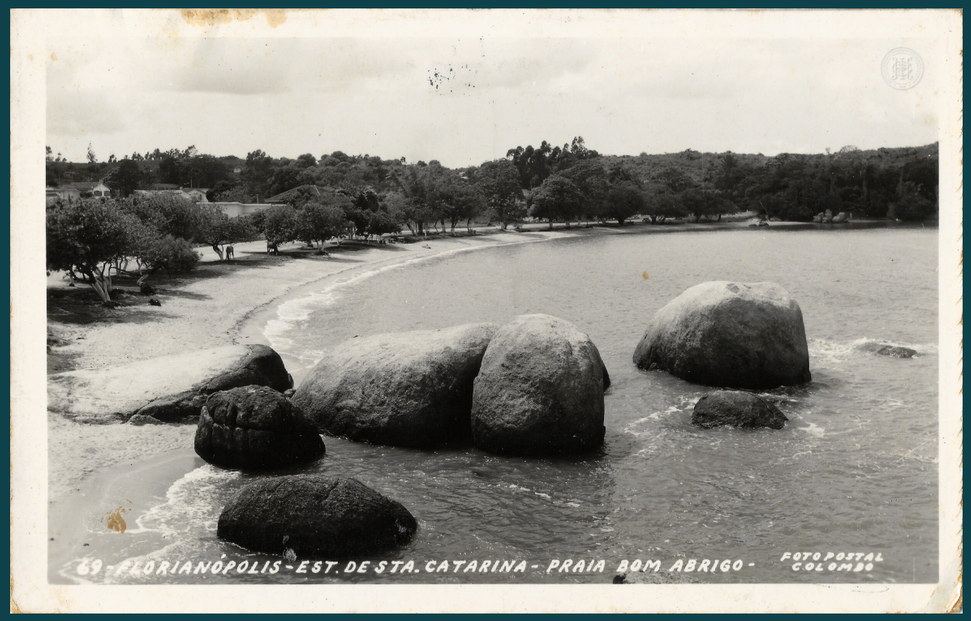
> Existiam interesses dos setores imobiliários pela formação de loteamentos residenciais de alta renda na orla sul do Continente, nas praias de Itaguaçu, Coqueiros e Bom Abrigo. Este fato apoiava-se, principalmente, na perspectiva de implantação de uma nova ponte entre a Ilha e o Continente, gestada nos setores governamentais nas décadas de 60 e 70. Todavia, não ocorrera na área continental o processo de concentração e expansão das áreas residenciais dos grupos sociais abastados evidenciado na Ilha durante as décadas de 60 e 70. Nesta região, as áreas residenciais impulsionavam-se nos sentidos norte, nordeste e leste da área central. As áreas residenciais de mais alta renda na parte continental da cidade, constituíam-se em bairros esparsos, isolados (COSTA, 2002, p. 138)



COQUEIROS

Topônimo evocado e documentos do período colonial, o território que corresponde ao atual bairro de Coqueiros é, sem dúvida, uma das localidades mais conhecidas de Florianópolis. Sito na parte continental da cidade, Coqueiros foi uma das regiões no continente que recebeu atenção da especulação imobiliária na primeira metade do século XX, configurando-se como um dos principais pontos de veraneio da região, quando o território de Florianópolis restringia-se somente à Ilha de Santa Catarina. Até início do XX a localidade era ocupada por famílias pobres que sobreviviam, sobretudo, da pesca. Segundo o historiador Sandro Silveira Costa:

> Nereu Ramos, que foi governador, senador e presidente interino da República, também loteou terras no Continente, especialmente no bairro de Coqueiros, em 1955. Esta área tomou-se, posteriormente, bairro residencial das camadas de mais alta renda. A ponte Hercílio Luz, portanto, foi uma intervenção do governo estadual que fomentou os investimentos imobiliários do Estreito e de Florianópolis (COSTA, 2002, p. 110).



Praia do Bom Abrigo - 1969
IHGSC



Praia de Itaguaçu, Coqueiros - 1974
IHGSC



Bom Abrigo - 2020
Acervo próprio





Bom Abrigo - 2020
Acervo próprio

Vista aérea para o bairro Bom Abrigo
e na parte elevada ao fundo, Itaguaçu - 2020
Acervo próprio



Vista aérea dos bairros Coqueiros e Estreito - 2019
Acervo próprio



Vista aérea do bairro Coqueiros - 2020
Acervo próprio



Vista aérea do bairro Coqueiros - 2019
Acervo próprio



ITAGUAÇU

Bairro localizado na parte sul da região continental de Florianópolis, o topônimo Itaguaçu aparece em documentos do período colonial, ao lado de Abraão e Coqueiros, como local onde vingam culturas de mandioca, arroz, feijão, cana, algodão, e linho. Do tronco linguístico tupi, Itaguaçu significa “pedra grande”, denominação provavelmente atribuída pelos indígenas por conta das grandes rochas que ainda jazem na região. Outro fato marcante relativo à localidade é que foi em Itaguaçu, ano de 1908, que nasceu o folclorista Franklin Cascaes, intelectual de grande relevância para a história e cultura de Florianópolis.

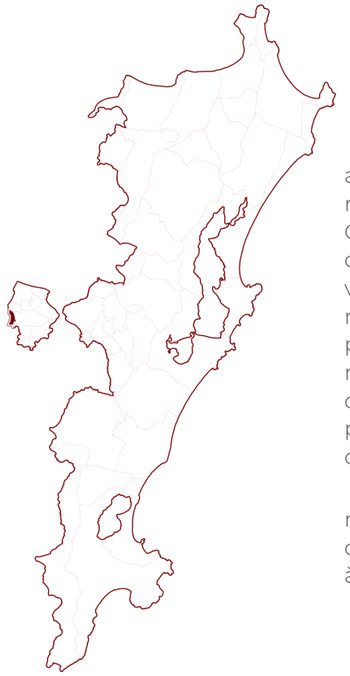
Destino procurado por veranistas ainda na primeira metade do século XX, Itaguaçu foi também alvo da especulação imobiliária, assim como outras regiões no continente próximas à Ilha. Segundo o historiador Sandro Silveira Costa:

> “Existiam interesses dos setores imobiliários pela formação de loteamentos residenciais de alta renda na orla sul do Continente, nas praias de Itaguaçu, Coqueiros e Bom Abrigo. Este fato apoiava-se, principalmente, na perspectiva de implantação de uma nova ponte entre a Ilha e o Continente, gestada nos setores governamentais nas décadas de 60 e 70.Todavia, não ocorrera na área continental o processo de concentração e expansão das áreas residenciais dos grupos sociais abastados evidenciado na Ilha durante as décadas de 60 e 70. Nesta região, as áreas residenciais impulsionavam-se nos sentidos norte, nordeste e leste da área central. As áreas residenciais de mais alta renda na parte continental da cidade, constituíam-se em bairros esparsos, isolados (COSTA, 2002, p. 138).”



Praia das Palmeiras - 1975
IHGSC

Ao passar por Itaguaçu nos dias de hoje, os transeuntes veem uma paisagem muito distinta daquela que Cascaes via quando criança. Ao invés de uma localidade ocupada por uma população economicamente empobrecida, vivendo de pequenas lavouras e da pescaria, se vê, atualmente, em Itaguaçu diversos restaurantes e domicílios de grupos abastados.



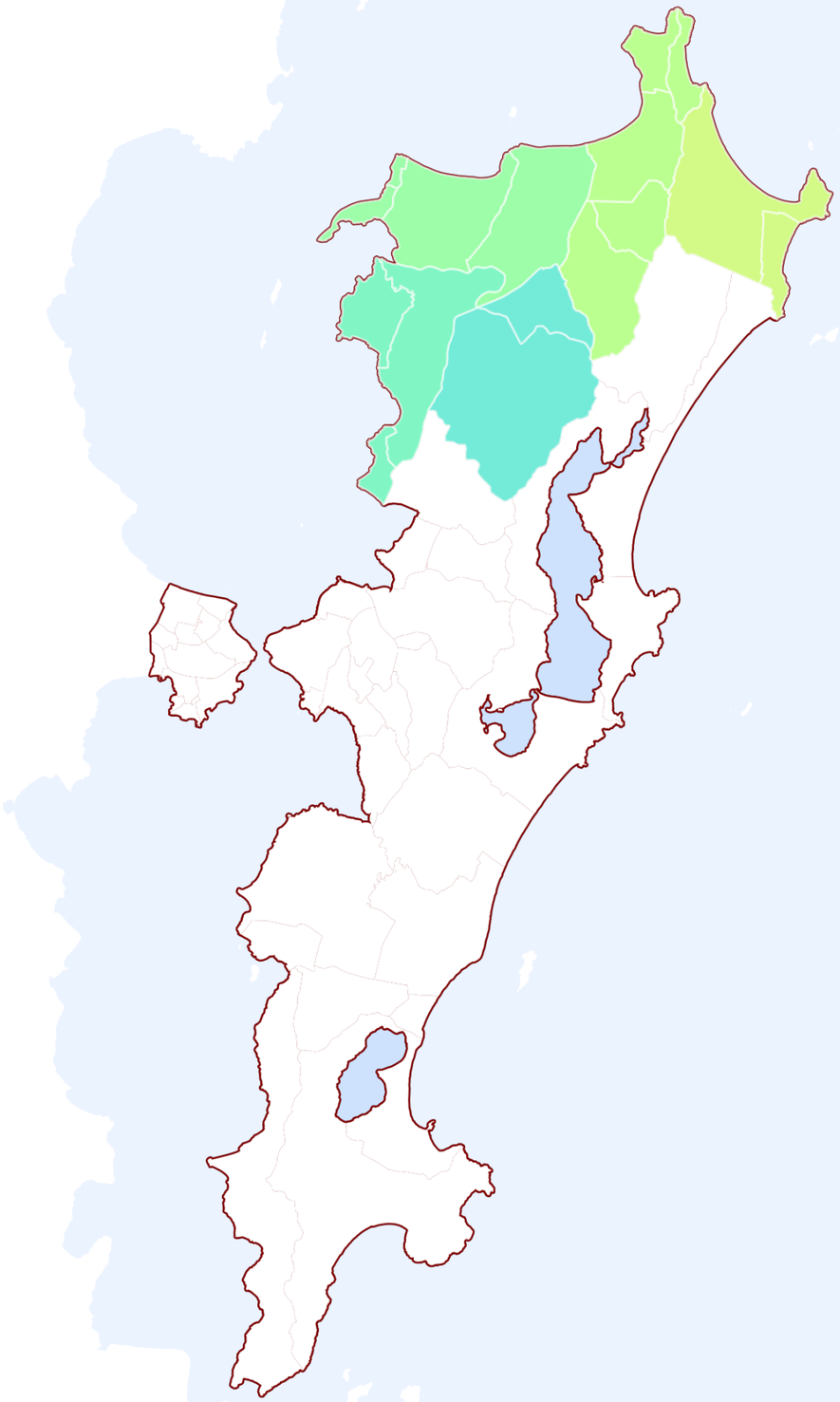
JARDIM CAPOEIRAS

Localizada na região continental de Florianópolis, a área que corresponde atualmente ao bairro Jardim Capoeiras é atravessada por grandes vias de rápida rodagem e intenso tráfego: no sentido leste-oeste pela Avenida Governador Ivo Silveira e no sentido norte-sul pela BR 282 (muito deferida como Viia Expressa). Tal característica (o atravessamento de importantes vias pelo bairro) não é recente, pois fotografias aéreas feitas ainda em 1938 mostram como há quase um século a área em questão já contava com a presença de caminhos bem definidos. É plausível, inclusive, que um dos referidos caminhos que atravessavam tal área fosse um trecho da estrada que ligava Desterro à Lages, marcada e aberta por homens comandados por Antônio José da Costa, militar e comerciante de destaque na capital catarinense.

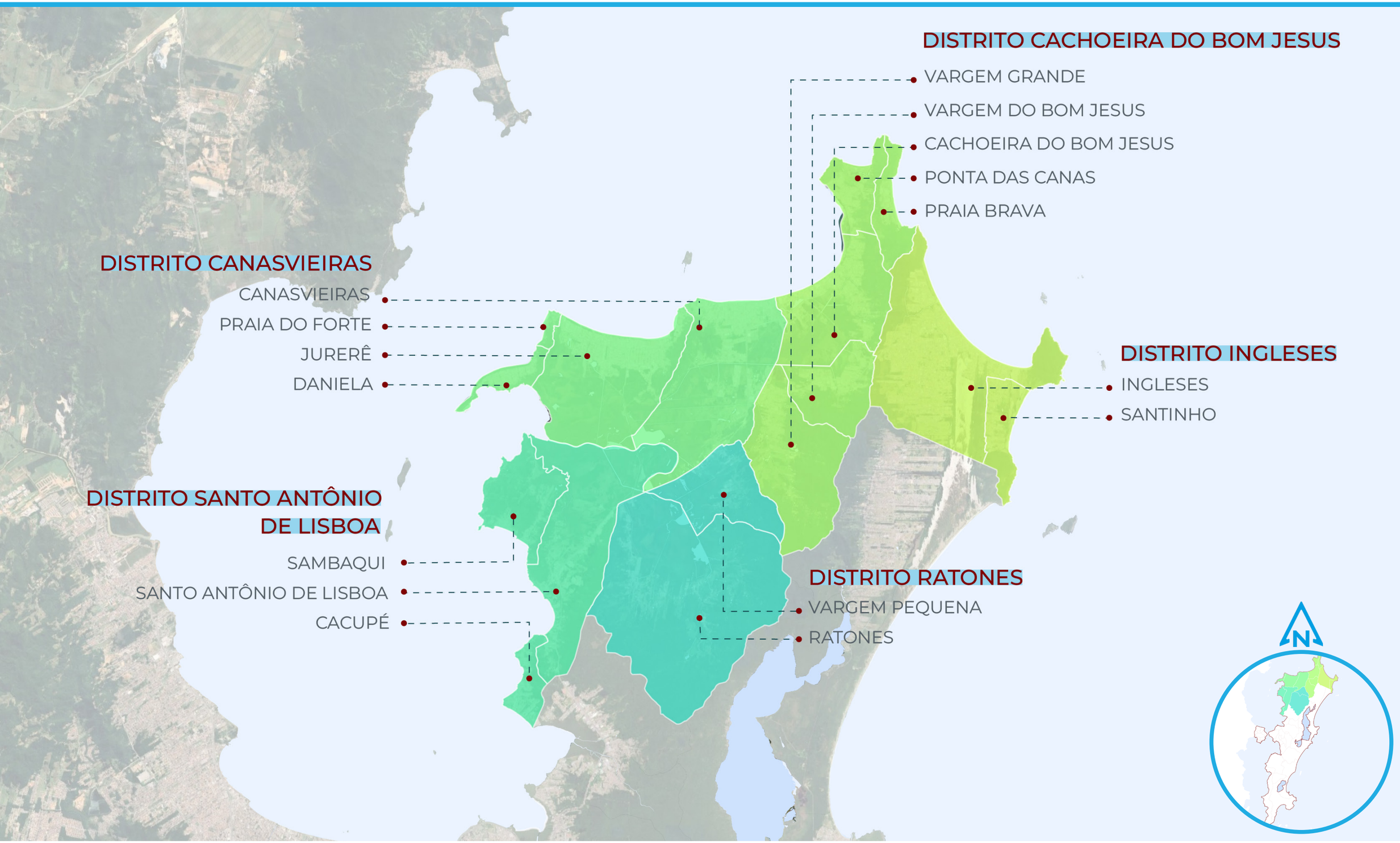
A partir da segunda metade do século XX observa-se, também por meio de fotografias aéreas, a abertura de vias menores e sinais mais claros de ocupação. A partir de 1º de janeiro de 1944 o território em questão é integrado à jurisdição de Florianópolis.



Vista aérea de Itaguaçu - 2020
Acervo próprio



REGIÃO NORTE


DISTRITO CACHOEIRA DO BOM JESUS
VARGEM GRANDE
VARGEM DO BOM JESUS
CACHOEIRA DO BOM JESUS
PONTA DAS CANAS
PRAIA BRAVA
DISTRITO CANASVIEIRAS
CANASVIEIRAS
PRAIA DO FORTE
JURERÊ
DANIELA
DISTRITO INGLESES
INGLESES
SANTINHO
DISTRITO SANTO ANTÔNIO DE LISBOA
SAMBAQUI
SANTO ANTÔNIO DE LISBOA
CACUPÉ
DISTRITO RATONES
VARGEM PEQUENA
RATONES
N

DADOS DEMOGRÁFICOS

	ÁREA (KM²)	POP. ESTIMADA (HAB.)	DENSIDADE POP. (HAB./KM²)	DOM. ESTIMADOS (UN.)	DENSIDADE DOMICILIAR (UN./KM²)
CACHOEIRA DO BOM JESUS	9,08	6.616	728,63	4.840	533,04
PONTA DAS CANAS	3,10	5.506	1.776,13	4.655	1.501,61
PRAIA BRAVA	2,58	349	135,27	1.311	508,14
VARGEM DO BOM JESUS	5,12	7.900	1.542,97	3.273	639,26
VARGEM GRANDE	10,26	7.412	722,42	3.233	315,11
CANASVIEIRAS	14,42	15.979	1.108,11	12.381	858,60
DANIELA	1,58	1.088	688,61	1.010	639,24
JURERÊ	12,86	8.134	632,50	7.501	583,28
PRAIA DO FORTE	0,44	170	386,36	173	393,18
INGLESES	16,69	46.320	2.775,31	30.137	1.805,69
SANTINHO	2,98	4.993	1.675,50	3.232	1.084,56
RATONES	26,51	3.925	148,06	1.663	62,73
VARGEM PEQUENA	5,85	1.898	324,44	848	144,96
CACUPÉ	1,89	1.494	790,48	692	366,14
SAMBAQUI	5,33	3.700	694,18	1.613	302,63
SANTO ANTÔNIO DE LISBOA	14,31	2.857	199,65	1.351	94,41

Fonte: Adaptado de Florianópolis. Secretaria Municipal de Planejamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano. Rede de Planejamento (REPLAN), 2026



DISTRITO CACHOEIRA DO BOM JESUS

CACHOEIRA DO BOM JESUS

O território que corresponde ao atual distrito da Cachoeira do Bom Jesus pertenceu, durante os séculos XVIII e XIX, à jurisdição da freguesia de Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio, segundo entrecruzamento de fontes cartográficas e bibliográficas. Em muitas fontes referida apenas como “Cachoeira”, tal região aparece em mapas e escritos literários, como é o caso da descrição feita por Virgílio Várzea em seu livro “A Ilha”, de 1900::

> Pela estrada que sai da Ponta das Canas para Canavieiras e toma à esquerda no Teixeira, em direção ao interior, vai-se ter, na distância de dois quilômetros do mar, ao arraial da Cachoeira, situado à encosta dos morros do mesmo nome e espalhado na planície circunjacente. Esta zona é toda agrícola, e dentre as muitas plantações que a recortam, pelos altos e baixadas, sobressaem os cafezais que dão mui boas colheitas (VÁRZEA, 1984, p. 153).

Mapas sob custódia do Governo do Estado de Santa Catarina, provavelmente elaborados durante a primeira metade do século XX, mostram a existência de estradas e edificações no “Distrito da Cachoeira”.

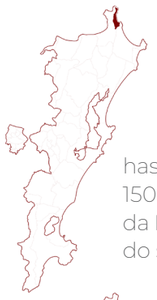


PONTA DAS CANAS

Localizado no ponto mais setentrional da Ilha de Santa Catarina, juntamente com o bairro da Praia Brava, Ponta das Canas tem seu território marcado por diversos sítios arqueológicos pré-colombianos, indicando que naquele território a presença humana é de longa data.

O escritor Virgílio Várzea descreveu a paisagem de Ponta das Canas por volta do ano 1900 da seguinte forma:

> Assentado sobre vários morretes, sem área plana além da praia, este arraial é, como o nome o indica, apropriado à cultura da cana, que ai abunda desde as primeiras explorações da Ilha, representando ainda hoje a maior produção do sítio. Apesar disso, os habitantes cultivam também a mandioca, o milho, o feijão e outros legumes, que dão para o consumo geral. Mas a verdadeira produção de comércio é a cana, muito afamada pela sua qualidade, sobretudo a cana miúda, de que se fazem excelente aguardente e melado. No arraial há um bom número de moendas, as primitivas moendas de madeira, tocadas a boi, à maneira dos engenhos de farinha, igualmente existentes no local, conquanto em número reduzido. A pesca na Ponta das Canas é a ocupação mais comum do povo, como de resto a de toda a gente da costa catarinense, que reparte a sua atividade entre as roças e as redes, de onde aufere a subsistência. De inverno a lida se ativa de tal modo (conforme os outros povoados marítimos) que os homens, pode dizer-se, passam quase toda essa quadra pelos ranchos e canoas da Lagoinha, em cujas águas se juntam a enchova e a tainha, especialmente esta, porque a primeira prefere mais os litorais pedregosos dos ilhotes e rochedos onde é pegada à linha. De junho a agosto de cada ano, essa praia, como as demais em geral, oferece um dos mais curiosos espetáculos de pesca a que é dado assistir-se — o dos lanços às tainhas, executados às vezes por duas ou três redes de cem e mais braças de extensão cada uma, ligadas momentaneamente para aquele fim. Detalharemos a seu tempo essa pesca interessantíssima. Na Ponta das Canas, na parte que olha para a enseada de Canavieiras, existe um casqueiro ou montículo de sambaquis coberto no alto de rasteira vegetação, cuja forma é a de um cômoro ou pequena coxilha. Compõe-se ele de berbigão e caramujo (este em maior abundância) de onde os trabalhadores de caieiras, que o exploram para o fabrico da cal, têm extraído por vezes ossos dispersos de esqueletos humanos, como crânios, tíbias, fêmures, etc (VÁRZEA, 1984, p. 151-153).



PRAIA BRAVA

Anúncios em jornais publicados em meados do século XIX divulgando a venda, por meio de hasta pública, de terrenos na Praia Brava indicam que o topônimo em questão é evocado há mais de 150 anos. Situado ao lado do bairro de Ponta das Canas, fotografias aéreas mostram que a paisagem da Praia Brava começa a sofrer alterações de maneira mais expressiva somente nas últimas décadas do século XX, ainda que em 1938 se possa verificar que a região já servia à lavoura.



VARGEM DO BOM JESUS

Localidade no norte da Ilha de Santa Catarina, a Vargem do Bom Jesus, assim como outras áreas da cidade, passou por um processo de crescimento da ocupação de seu território ao longo do século XX, ainda que em menor grau com relação a outros bairros, como Jurerê e Ingleses. Sinais de atividades agrícolas no solo podem ser verificados por meio de fotografias aéreas feitas em diferentes décadas do século XX. Acerca do topônimo "Vargem do Bom Jesus", sabe-se que já aparecia em jornais locais na década de 1920. Segundo os autores Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira, o termo vargem “é muito frequente em toda a toponímia brasileira e, no vernáculo, significa região relativamente plana, situada entre rios e vales, sendo área própria para a agricultura e possuindo, como mata natural, abundante gramínea” (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 104). A denominação Vargem para essas localidades trata-se de uma corruptela do termo "várzea", um sinônimo de planície. O escritor Virgílio Várzea, em sua obra Santa Catarina a Ilha (1984), publicada em 1900, utiliza a grafia "várzea” para se referir às mesmas localidades que hoje são denominadas Vargem Grande e Vargem Pequena. Já o termo Bom Jesus, segundo Zeferino e Pereira, faz referência à uma extinta capela, erguida por açorianos, que existia nas proximidades e que tinha a figura de Bom Jesus como padroeiro.



VARGEM GRANDE

De forma semelhante aos processos antrópicos ocorridos nos territórios dos atuais bairros vizinhos de Vargem do Bom Jesus e Vargem Pequena, o bairro da Vargem Grande manteve aspectos predominantemente rurais durante a maior parte do século XX. O escritor Virgílio Várzea descreve a paisagem da localidade no ano de 1900 da seguinte maneira:

> Para lá das Capivaras, ao sul, as veigas da Várzea Grande, manchadas pelas habitações e engenhos, branquejando entre folhagens. Ao lado de cada vivenda, pequenas pastagens tenras, cobertas de gado doméstico e cercadas de espinheiros. Uma linha de colinas, com florestas seculares nos cimos, divide esta larga planície de uma outra menos ampla, chamada Várzea Pequena, que extrema ao sul com o arraial dos Ratones, por um contraforte de morro interposto entre ambos. Neste povoado, conhecido também pela Várzea de Baixo naquelas bandas, abundam a mandioca, o milho, o feijão, a cana-de-açúcar, o algodão e o café, particularmente este último, cultivado aí em larga escala como na Várzea Grande (VÁRZEA, 1984, p. 154).

O termo "vargem" trata-se de uma corruptela de "várzea", uma outra denominação para planície. A "Vargem"Grande diferencia-se então da Pequena literalmente por conta da sua maior extensão. Assim como os bairros de Vargem do Bom Jesus e Vargem Pequena, o crescimento populacional da Vargem Grande tornou-se mais expressivo a partir das últimas décadas do século XX.

DISTRITO CANASVIEIRAS



CANASVIEIRAS

O território que corresponde ao atual bairro de Canasvieiras remonta à antiga Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio. No ano de 1835 parte da Freguesia de Santo Antônio foi desmembrada para formar a Freguesia de São Francisco de Paula de Canasvieiras.

Tal território caracteriza-se por formar a embocadura norte do canal que divide as terras continentais da Ilha de Santa Catarina. Não à toa, tal região foi escolhida ainda no século XVIII para se erguer a Fortaleza de São José da Ponta Grossa, fortificação estrategicamente construída para integrar o sistema defensivo formado por outras fortificações erguidas nas ilhas de Ratones Grande e Anhatomirim. As mesmas características geográficas fizeram desta região um importante porto. Alguns autores, como Paulo Miguel Jozé de Brito, afirmam que teria sido em Canasvieiras que teria se dado um dos episódios mais conhecidos da história da Ilha de Santa Catarina, na suposta ocasião quando Francisco Dias Velho teria feito prisioneiros piratas que ali desembarcaram, estes que, posteriormente, após obterem liberdade, retornaram à Ilha de Santa Catarina para vingar-se de seu captor (BRITO, 1816).

Outro episódio a que a historiografia se refere tendo Canasvieiras como palco foi a invasão espanhola da Ilha de Santa Catarina em 1777. Afirma-se que foi naquela praia que tropas da coroa espanhola desembarcaram para tomar as defesas e outros pontos estratégicos dos domínios portugueses na Ilha. Tal evento está inserido no contexto das disputas coloniais entre Portugal e Espanha.

Canasvieiras também recebeu comentários do escritor Virgílio Várzea, em seu livro “A Ilha”, de 1900, apresentando-nos um panorama da ocupação e usos da terra naquela região. Cabe destacar que foi naquela freguesia de Várzea nasceu.

> Na sede da freguesia, que ocupa o largo perímetro do cabeço onde se eleva a igreja, a 100m de altura, há uma praça de forma retangular como poucos sítios possuem, não só pelas construções como pela bela paisagem, pois se domina daí as duas vastas praias mencionadas e os amplos campos de Canavieiras, que se desenrolam em planuras sucessivas, extremando ao norte com a Cachoeira, o Bom Jesus e as Areias, e ao sul com os altos da Ponta Grossa e os morros dos Ratones, nas voltas espelhadas do rio. Os prédios aí são todos de pedra e cal e envidraçados, destacando-se em meio deles, além da casa do Império destinada às festas do Espírito Santo, a vivenda do Pinheiro (conhecido e abastado chefe conservador de outros tempos na localidade) e a de Manoel Moreira da Silva, uma das glórias da nossa marinha de guerra, notável na navegação e nos combates pela sua coragem e sangue frio, que lhe valeram na célebre batalha naval da Laguna[38], durante a ocupação desta cidade pelas forças dos Farrapos, o encargo importante, mas arriscado, de ser o primeiro a investir à entrada, estreitíssima e perfeitamente artilhada pelo inimigo; e no Rio Grande do Sul, como comandante da barra, o apelido bem significativo de Manoel Diabo, pelas proezas ali feitas contra o mar, de que salvava embarcações e vidas nas maiores borrascas. Do alto da igreja partem duas estradas principais, percorrendo a freguesia de extremo a extremo: uma é a da Rua Velha, que se estende para o norte junto à falda dos Morretes, descrevendo uma curva de cerca de légua e meia, e indo bifurcar-se na das duas Várzeas, Bom Jesus e Cachoeira; a outra é a da praia de São Francisco, que segue pela Ladeira do Pinheiro, para o Viana e a Ponta Grossa. Ao longo da primeira acha-se a maior parte das habitações do sítio, sendo a outra parte pelo alto da praia de São Francisco, Caminho do Joaquim Pedreiro, Caminho do Campo, Caminho Novo e Venda do Areias... No Porto do Rio existe uma larga ponte de madeira por onde passa a estrada geral. Até essa altura o rio é acessível, com maré de enchente, a botes e canoas de voga que podem carregar francamente. Daí para cima até ao Rancho do Justino, só navegam embarcações de pequeno porte, porque há pouco fundo e amplitude. A comunicação com a Capital, por via marítima, é mais comum por este porto que pela enseada — o primeiro torna a viagem mais curta e segura, visto o rio desaguar em Sambaqui, poupando um quarto de distância e já ao abrigo da barra; ao passo que a última a dificulta, pela espera de monção e a longa volta da Ponta Grossa e Pontal, além da arriscada travessia em mar grosso. As terras de Canavieiras são ubérrimas e nelas se cultivam a mandioca, a cana, o feijão, o milho, o algodão, a videira e o café, que, insignificante há vinte anos, constitui hoje a sua principal produção. Pena é que a vinha, que aí dá admiravelmente, não seja plantada em grande escala para a fabricação do vinho. E não nos referimos à uva americana, de geral e fácil cultivo; mas à excelente uva branca, moscatel e outras, de que vimos magníficos espécimens. A pesca é aí muito farta também e de todas as freguesias da Ilha esta é, por sem dúvida, a que possui maior número de redes. Os habitantes são tão bons lavradores como marinheiros: têm um físico robusto, um caráter decidido e valente. Arrostar o mar em todo o tempo, superpondo-se ao perigo, é coisa que lhes anda no sangue e nos nervos. Cantam sobre as ondas revoltas, como em meio às culturas tranquilas onde não há nada a temer (VÁRZEA, 1984, p. 156-159).



Balneário de
Cannasvieiras - 1929
IHGSC



Campo de Demonstração de
Canasvieiras - 1930 a 1940
IHGSC

Considerando-se o exposto até o momento, é seguro afirmar que Canasvieiras se trata de uma região de destaque na história da Ilha de Santa Catarina desde, pelo menos, o período colonial. Cabe ainda destacar que na segunda metade do século XX a região passou a ser alvo da especulação imobiliária, tendo recebido, entre tantos empreendimentos, um loteamento cujo plano urbanístico é atribuído à Oscar Niemeyer, a serviço da Imobiliária Jurerê LTDA, do ex-governador Aderbal Ramos da Silva.



DANIELA

De modo semelhante ao bairro “Jurerê”, cujo topônimo deriva de um empreendimento realizado na respectiva região, o bairro Daniela também tem sua denominação derivada de um produto imobiliário lançado em seu respectivo território. Segundo Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira:

> Complexo residencial e de estação de veraneio de praia que foi organizado a partir de 1968, no Pontal da Ponta Grossa e hoje denominado Pontal de Jurerê. É, hoje, além de Balneário, um parque residencial com uma população fixa aproximada dos 8000 habitantes (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 99)

As fotografias aéreas realizadas em diferentes décadas ao longo do século XX corroboram a narrativa apresentada pelos autores, mostrando o território que corresponde ao atual bairro sem sinais visíveis de ocupação no ano de 1957 contrastando com uma área loteada e parcialmente edificada cerca de vinte anos depois.



JURERÊ

Termo de origem tupi, Jurerê costuma ser traduzido como “boca d’água pequena”, descrição associada ao estreito que separa a Ilha de Santa Catarina ao continente, onde localiza-se o centro urbano da cidade de Florianópolis. No entanto, a denominação do território que atualmente corresponde ao bairro de Jurerê é muito mais recente do que a ocupação humana pré-colonial, ou mesmo colonial. Na verdade, tal topônimo começa a ser empregado para designar a localidade em questão a partir da segunda metade do século XX em virtude de um empreendimento realizado pela empresa Imobiliária Jurerê. Segundo Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira:

> Balneário Jurerê, que está dividido em: Jurerê Internacional; Jurerê Nacional e Jurerê tradicional (Canto do Lamim). O nome jurerê é uma criação de uma Empresa Imobiliária Jurerê que, em 1968 (antes disto a localidade era conhecida por Lamim em parte e em outra por Ponta Grossa) agenciou a urbanização e comercialização da área para turismo e residência de elevado padrão, junto e ao longo dos três quilômetros da praia da Ponta Grossa ou Praia de São Francisco de Paula. Trata-se de uma adaptação de uma antiga denominação dada pelos indígenas a Ilha de Santa Catarina, isto é, Y-JURIRE-MIRIM, que traduzido para o português, refere—se à boca d'água pequena ou estreita em alusão ao canal central que aproxima a ilha do continente, estreito este que hoje é vencido por três pontes. — Em função do bom êxito do empreendimento, tanto a localidade como a praia, passaram a ser denominadas, isto a partir de 1970, como Praia de Jurerê e Comunidade de Jurerê” (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 141).



Praia de Canasvieiras - 2017
Acervo próprio



Praia de Canasvieiras - 2024
Allan Carvalho, acervo da PMF



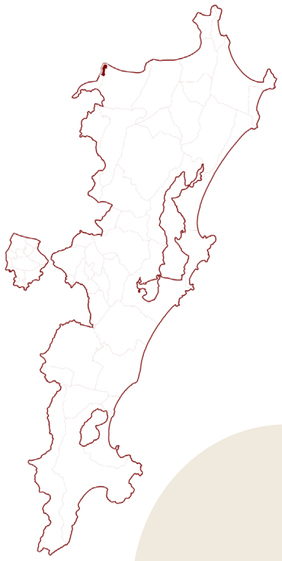
Vista aérea do bairro Daniela - 2024
Allan Carvalho, acervo da PMF

Vista aérea da Praia de Jurerê - 2025
Leonardo Sousa, acervo da PMF





Fortaleza de São José da Ponta Grossa - 1976
IHGSC



PRAIA DO FORTE

O topônimo do bairro Praia do Forte faz referência direta à Fortaleza de São José da Ponta Grossa, uma das principais fortificações que compunham o sistema defensivo colonial idealizado pelo Brigadeiro José da Silva Paes, não devendo ser confundido com o conhecido loteamento da Praia da Forte, mais a leste, construído muito posteriormente, já na segunda metade do século XX.

Vista aérea da Praia do Forte - 2017
Acervo próprio



DISTRITO INGLESES



INGLESES

O território correspondente ao atual bairro dos Ingleses pertencia à jurisdição da antiga Freguesia de São João do Rio Vermelho, esta que havia sido desmembrada anteriormente da Freguesia de Nossa Senhora da Lagoa da Conceição em 1831. O topônimo “Ingleses” é de origem incerta, mas sua ocorrência pode ser verificada em mapas produzidos no período colonial.

No entanto, não foram encontrados vestígios de ocupação na região em documentos cartográficos anteriores ao século XX. Isso não significa que tal território não fosse ocupado, pois pesquisas apontam a existência de registros de sesmarias localizadas em “Ingleses”, “Morro dos Ingleses”, “Paragem dos Ingleses” e “Praia dos Ingleses” (GIELOW, 2022). Recorrendo à historiografia, encontramos comentários sobre a região a partir do ponto de vista do escritor Virgílio Várzea, em seu livro “A Ilha”, de 1900, apontando a existência de habitantes na região:

> “O arraial dos Ingleses compreende a praia e ponta do mesmo nome: a ponta, que termina em um cabeço de 190m de altura, é a mais oriental da Ilha e serve, como o Arvoredo, de ponto de reconhecimento às embarcações que, navegadas de leste, demandam à barra do norte; a praia, de cerca de milha e meia, confina a oés-noroeste com o Rapa. Mais populoso que as Aranhas, e muito mais movimentado, possui um núcleo maior de habitações grupando-se em torno de uma pequena capela, situada à beira-mar e consagrada a Senhora dos Navegantes. Nesta capela, construída entre cômoros por um abastado lavrador do lugar em 1881, realiza-se anualmente uma festa à padroeira do sítio, que atrai uma multidão de romeiros ou devotos, vinda das circunvizinhanças — das Aranhas, do Rio Vermelho, da Ponta das Canas e do Rapa...A curta distância do cabo, que se ergue sobre rochas, como todos os extremos avançados de praia em que as ondas trabalham, estão os Moleques do Norte e a ilhota do Badejo, assim chamada do nome desse peixe sempre aí encontrado. Tais ilhotes são áridos e desabitados, muito frequentados todavia pelos pescadores de linha, principalmente no tempo da enchova, que coalha as águas, em mantas, pela quadra invernal (VÁRZEA, 1984, p. 147-149).”

Em mapas de meados do século XX temos indicativos do leve grau de ocupação que existia no território denominado Ingleses cerca de 80 atrás. No entanto, o maior adensamento da região parece ter ocorrido apenas nas últimas décadas do século XX, conforme apontam fotografias aéreas do período. A causa para tamanha transformação urbanística é apontada como sendo efeitos de investimentos em infraestrutura turística e desenvolvimento de uma economia local (NOPES, 2007).

Segundo Adriane Nopes, socióloga que teve os Ingleses como objeto de pesquisa:

> O número de moradores da Praia dos Ingleses se manteve bastante reduzido até a 1980, contando nesta época com apenas 2.378 pessoas. Entre os anos de 1980 e 1991 a população dos Ingleses sofre um nítido crescimento, movimento confirmado pelos dados do IBGE. Conforme recenseamento do IBGE, no período de 1970 e 1980 o crescimento anual do Balneário dos Ingleses foi de 2,94%, enquanto que no Município de Florianópolis a taxa estava entorno de 3,11%. No período de 1980 e 1991 o cenário assume outras feições, a taxa do município cai para 2,38% anual, enquanto que a taxa do Balneário dos Ingleses eleva-se surpreendentemente para 7,32% (2007, p. 86).



Vista aérea do bairro
Ingleses - 2017
Acervo próprio



SANTINHO

O território que corresponde ao atual bairro do Santinho localiza-se na região nordeste da Ilha de Santa Catarina. A denominação de Santinho (ou Costão do Santinho ou ainda Praia do Santinho) é relativamente recente, remontando à segunda metade do século XX. Até então a região era designada pelo topônimo Aranhas. Segundo Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira:

> O topônimo decorre do fato de que, diziam os antigos pescadores, estas ilhas possuíam muitas aranhas. Este topônimo também passo ua ser aplicado à praia ao seu lado norte e a uma comunidade, hoje integrante do Distrito dos Ingleses do Rio Vermelho e que passou a ser chamada de Aranhas do Rio Vermelho e hoje recebe o tratamento popular de Santinho (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 59).



Vista aérea da Praia do Santinho - 2018
Acervo próprio

DISTRITO RATONES



RATONES

O território correspondente ao atual bairro dos Ingleses pertencia à jurisdição da antiga Freguesia de São João do Rio Vermelho, esta que havia sido desmembrada anteriormente da Freguesia de Nossa Senhora da Lagoa da Conceição em 1831. O topônimo “Ingleses” é de origem incerta, mas sua ocorrência pode ser verificada em mapas produzidos no período colonial.

No entanto, não foram encontrados vestígios de ocupação na região em documentos cartográficos anteriores ao século XX. Isso não significa que tal território não fosse ocupado, pois pesquisas apontam a existência de registros de sesmarias localizadas em “Ingleses”, “Morro dos Ingleses”, “Paragem dos Ingleses” e “Praia dos Ingleses” (GIELOW, 2022). Recorrendo à historiografia, encontramos comentários sobre a região a partir do ponto de vista do escritor Virgílio Várzea, em seu livro “A Ilha”, de 1900, apontando a existência de habitantes na região:



VARGEM PEQUENA

Tal como os processos de ocupação e uso do solo pelos quais passaram os territórios dos atuais bairros da Vargem Grande e a Vargem do Bom Jesus, a localidade da Vargem Pequena manteve aspectos predominantemente rurais até o final do século XX. O livro Santa Catarina a Ilha, do escritor Virgílio Várzea, fornece um panorama da paisagem da região no contexto da passagem do século XIX para o século XX:

> A Várzea Pequena ou Várzea de Baixo, conta maior número de casas, que a outra, entre as quais algumas vendas, servindo ao mesmo tempo de depósito de colheitas que vêm aí embarcar, descendo da Várzea Grande, do Bom Jesus e das Areias, povoações todas próximas e que, além deste porto, só dispõem do de Canavieiras, situado à longa distância e onde, por fronteiro à barra, as mercadorias correm risco de perder-se. Por via disto e da colocação à beira da estrada circular que leva à cidade, o arraial é animado e nele se nota um movimento de carros de boi e cargueiros não existente nos três locais citados. Este movimento se faz sentir sobretudo no sítio do Manoel Manduca, em que há uma vala aberta pelos habitantes, ligando-se a um dos braços do Rio Ratones, onde carregam as grandes canoas de voga empregadas na condução de gêneros entre esse ponto e o Desterro (VÁRZEA, 1984, p. 154-155).

O termo "vargem” trata-se de uma corruptela de "várzea", uma outra denominação para planície. A "Vargem”Grande diferencia-se então da Pequena literalmente por conta da sua maior extensão.

DISTRITO SANTO ANTÔNIO DE LISBOA

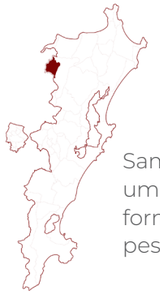


CACUPÉ

Referido por Virgílio Várzea na passagem do século XIX para o século XX como, na verdade, dois povoados distintos, Cacupé Grande e Cacupé Pequeno, caracterizava-se como um região com:

> insignificante número de casas e habitantes, os quais vivem da lavoura e da pesca, que dá apenas para o consumo. Estes dois arraiais, florescentes em outros tempos, quando o habitavam alguns poderosos fazendeiros e armadores, como José Correia, Costa Melo, etc., acham-se hoje quase despovoados e em completa decadência (VÁRZEA, 1984, p. 167-168)

Documentos do período colonial mencionam a região em registros de sesmarias (GIELOW, 2021), evidenciando que a região já era ocupada por grupos não indígenas desde o século XVIII. Ao tratar dos locais de banho de mar, o historiador Sérgio Luiz Ferreira elenca Cacupé como uma localidade procurada por banhistas até a década de 1970, quando foram abertas rotas terrestres para outros pontos da Ilha.



SAMBAQUI

Bairro localizado ao norte do centro histórico de Santo Antônio de Lisboa, em Sambaqui funcionou, por determinado período, um posto alfandegário que é ainda hoje um marco urbanístico na localidade. O topônimo Sambaqui faz referência às estruturas formadas, principalmente, por conchas que os povos sambaquieiros construíam. Segundo pesquisas arqueológicas, tais estruturas tinham, entre outras coisas, funções funerárias.

A respeito das características geográficas da localidade do Sambaqui em tempos passados, o escritor Virgílio Várzea nos legou seu relato acerca da região por volta do ano de 1900, permitindo que assim possamos identificar possíveis mudanças e permanências. Segundo Várzea:

> Este fundeadouro é dos mais notáveis de Santa Catarina e de todo o Brasil, por sua posição completamente protegida das vagas e ventos da barra pelo longo Pontal ao norte, e a oeste pelas ilhas Raton Pequeno e Raton Grande, que são verdadeiros abrigos. Do lado do sul nada há a temer, porque o pampeiro e o sueste duro, que tanto castigam o porto da cidade e todos os da outra baía, só levantam mar cavado até à garganta do Estreito, de cuja altura para o norte, barra a dentro, as águas se conservam tranquilas. O arraial de Sambaqui fica entre a Ponta do Pereira e a do Luz, e está já na foz do Ratones. Possui um pequeno núcleo de casas, a maior parte pousada nas quatro praiazinhas alvas que enfaixam o litoral, sendo a principal das praias a Essa água é perfeitamente potável e a melhor da Ilha depois da do Ribeirão, que é excelente, e da qual nos dizia em carta, ainda há três anos, o falecido Visconde de Taunay, que conhecia como poucos o Estado e particularmente a capital e freguesias suburbanas, pois o presidiu quando província de 6 de junho de 1876 a 2 de janeiro de 1877, percorrendo-o depois duas vezes, uma em 1881 e outra em 1884. "Recordo-me bem do primeiro copo d'água que lá (Ribeirão) me ofereceram, contava-nos Taunay, dizendo-me o lavrador que o fazia: "Tome o gosto; na Ilha não há outra igual — nem de longe!" Efetivamente assim era: a água é incontestavelmente boa. E como nos outros pontos da Ilha a água é de má qualidade, em geral, os moradores do Ribeirão tiram da que possuem motivos de muita ufania". A água de Sambaqui vem das nascentes de um elevado monte colocado cerca de 500 metros da praia, por um encanamento mandado construir pelo almirante Justino de Proença, em uma de suas zelosas administrações como capitão do porto de Santa Catarina. A tal respeito transcrevemos o que disse o distinto oficial no Relatório apresentado à presidência da província, em 1887: "Neste excelente porto, um dos melhores do Império, continua a funcionar com regularidade o importante encanamento sobre largos trilhos de ferro que ali mandei construir. O porto de Sambaqui, só por esse recurso, fica com uma importância ainda superior à que já tinha por suas condições topográficas e hidrográficas". O nome do arraial proveio de um grande casqueiro que ali existiu em outro tempo, tomando toda a Ponta do Luz, cujo casqueiro foi totalmente consumido em caieiras, que são, como no Saco dos Limões, uma das principais indústrias dos habitantes do lugar. O fim deste casqueiro é o que terá em poucos anos o da Ponta das Canas, seguidamente explorado para a fatura da cal. E assim, dentro em breve, na Ilha, desaparecerão para sempre esses montículos de estratos alternados de conchas e de areias conchilíferas, que são os cemitérios paleontológicos do homem terciário ou quaternário (VÁRZEA, 1984, p. 165-167).



Orla do Sambaqui - 19--
IHGSC



Vista aérea do
bairro Cacupé - 2018
Acervo próprio



Vista aérea do
bairro Sambaqui - 2019
Acervo próprio



SANTO ANTÔNIO DE LISBOA

A freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio de Lisboa é uma das quatro freguesias, localizadas na Ilha descritas por Paulo Jozé Miguel de Brito em sua obra Memória Política da Capitania de Santa Catarina, publicada em 1829. Seus escritos permitem termos uma noção a respeito do tamanho da jurisdição e população daquela freguesia:

> a sua extensão para o norte he de 3 1/2 legoas até à ponta do Rapa, que he a mais septentrional da Ilha de Santa Catharina; e para o sul huma legoa até o indicado rio do Amorim, por onde extrema com a Matriz da Villa Capital; para leste tem 2 1/2 legoas, aonde confina com a Freguezia da Lagôa. No referido anno de 1810 a população desta Parochia de Santo Antonio compunha-se de 3.367 almas; a saber: homens brancos 1.224, mulheres 1.467; libertos de ambos os sexos 54; escravos, homens 405, mulheres, 197. (BRITO, 1816).

Algumas narrativas atribuem a data de criação da Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades ao ano de 1750, apesar de também afirmarem que a povoação da região pelo homem branco remonta ao início do século XVIII (SOUZA, 1980) (MAKOWIECKY, S.; PHILIPPI, Edélcio; WEDEKIN, Luana, 1993).

Em um mapa intitulado Plano General de la Ysla, y Puerto de Santa Cathalina, datado de 1778, provavelmente feito durante a ocupação espanhola da Ilha de Santa Catarina, são representados caminhos e ocupações humanas, sendo possível identificar referências à ocupação da região correspondente à Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio de Lisboa. Além da paróquia, é possível identificar símbolos que indicam a presença de habitações e topônimos que permanecem até os dias de hoje.



Igreja de Santo Antônio de Lisboa - 1---
Acervo Velho Bruxo

Em meados do século XIX a região da antiga freguesia tem sua história marcada pela visita do casal imperial, Dom Pedro II e a imperatriz Thereza Cristina. Conta-se que na ocasião houve o calçamento de uma rua próxima à paróquia daquela freguesia, via esta cujos remanescentes estão presentes no local até os dias de hoje.

Cerca de meio século mais tarde, o escritor desterrense Virgílio Várzea publicou seu livro intitulado “Santa Catarina, a Ilha”, no qual descreveu detalhes de diferentes regiões e modos de vida presentes na Ilha de Santa Catarina, entre eles, o local que fora a Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio:

> Santo Antônio é uma das localidades mais aprazíveis da costa ocidental da Ilha. Situada em solo plano e à beira-mar, entre Cacupé Pequeno e a Ponta da Ilhota, dir-se-á uma cidadezinha, pela sua pitoresca praça ornada de prédios construídos como os de certos arrabaldes antigos da capital, e pela sua disposição em três ou quatro ruas cheias de casas, unidas ou separadas apenas por pequenas hortas e jardins, que não existem em outros sítios...O porto de Santo Antônio é manso e movimentado por um comércio marítimo maior que o de todas as outras freguesias. Embarcações miúdas, em grande número, remam ou velejam diariamente entre as suas praias e o Desterro, sobretudo quando, como é frequente, há ali fundeados navios mercantes ou de guerra, nacionais ou estrangeiros, cujo calado não lhes permite passarem além dos ancoradouros de Santa Cruz e Sambaqui (VÁRZEA, 1984).

Já a partir do século seguinte a região sofreu com crises, mas também com uma retomada de importância para a economia da cidade. Giselli Ventura de Jesus argumenta que transformações urbanísticas, com destaque para a ponte Hercílio Luz, acabaram afetando a economia portuária que se desenvolvia na virada do século:

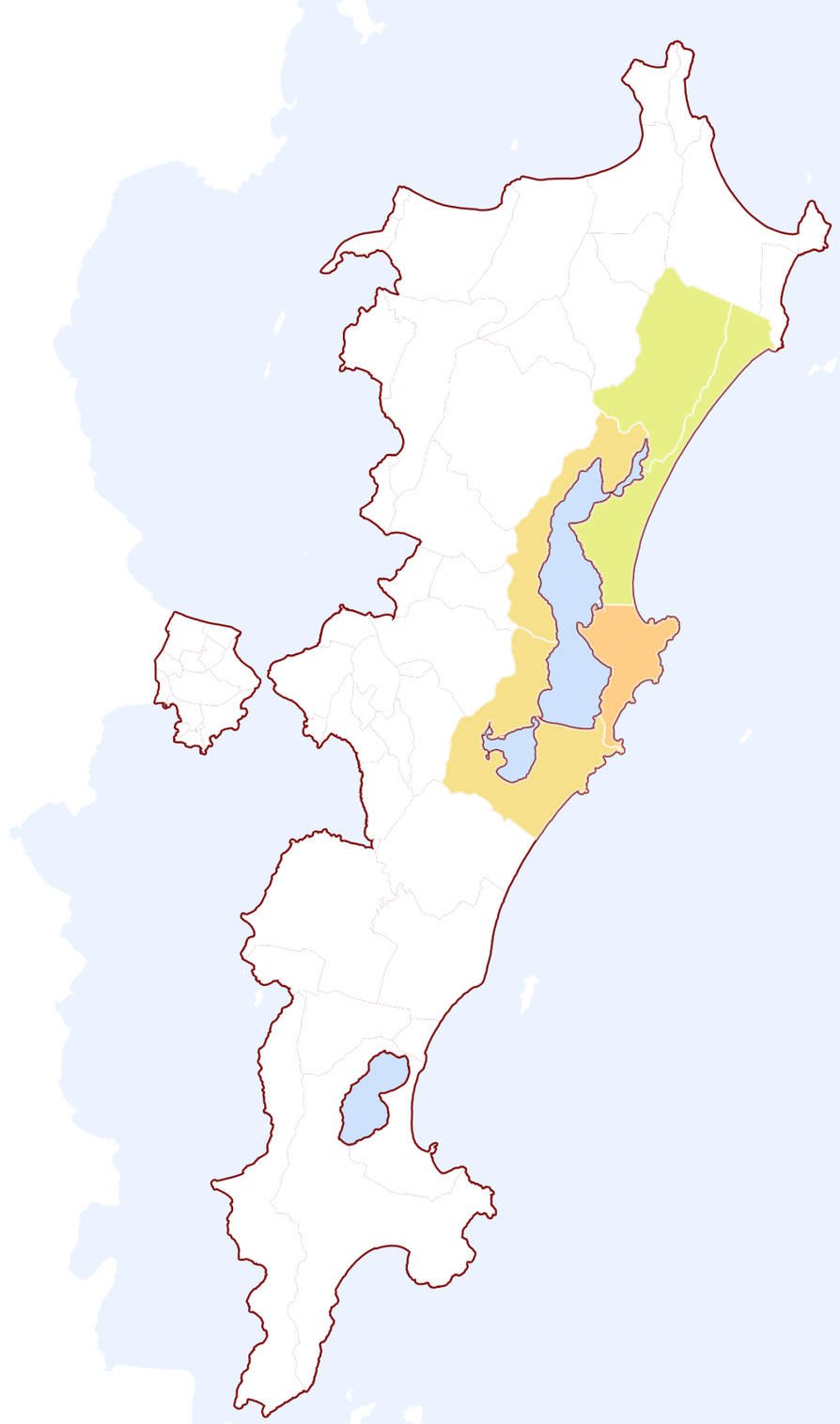
> A freguesia de Santo Antônio de Lisboa, no início do século XX, sofre as consequências do declínio do setor de sua economia , baseado na pequena produção mercantil, que aliada ao surto de modernização das cidades fez com que muitos moradores fossem em busca de emprego...Segundo dados fornecidos por Barros (1979), no final do século XIX (entre 1841 a 1909), a população de Santo Antônio sofre um aumento gradativo em seus dados demográficos, e seu ápice nesse crescimento gradativo chega até o início do século XX, em 1910 com 5.185 pessoas. Já em 1920 aparece com uma queda no quadro populacional tendo 3.100 habitantes. Isso se explicaria com o processo relatado pelo morador de Santo Antônio, um êxodo que ocorreu no começo do século XX, em decorrência da crise econômica com que apresentou a comunidade...O crescimento só retoma, de forma tímida, a partir de 1960, com as casas de veraneio, porém, é com a construção da SC-401 na 103 década de 1970 que esse quadro resulta, na década posterior, em duplicação no número de habitantes na região (JESUS, 2011, p. 101-103).



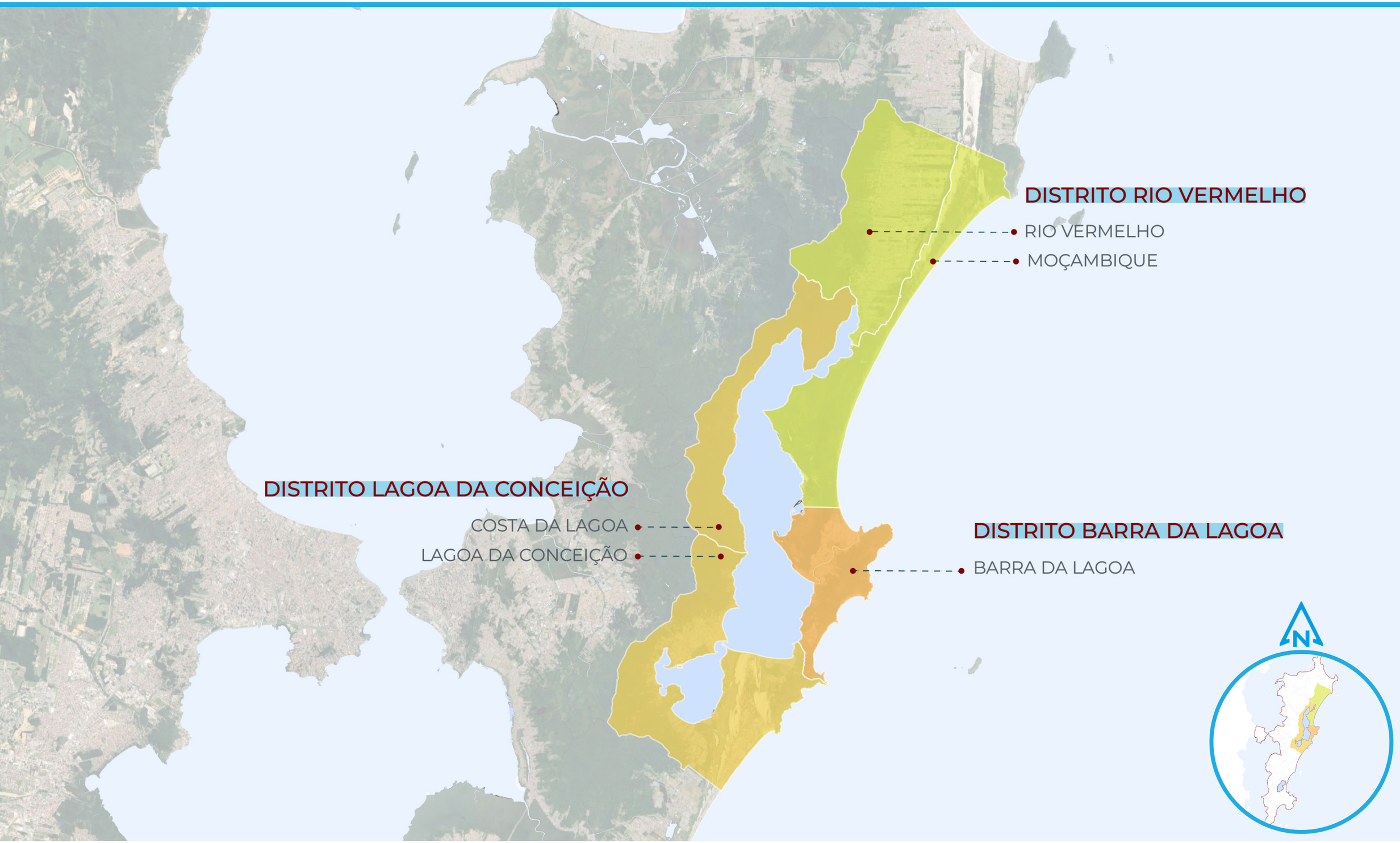
Centro histórico de
Santo Antônio de Lisboa - 2024
Allan Carvalho, acervo da PMF



Vista aérea do bairro
Santo Antônio de Lisboa - 2019
Acervo próprio



REGIÃO LESTE


DISTRITO RIO VERMELHO
RIO VERMELHO
MOÇAMBIQUE
DISTRITO LAGOA DA CONCEIÇÃO
COSTA DA LAGOA
LAGOA DA CONCEIÇÃO
DISTRITO BARRA DA LAGOA
BARRA DA LAGOA
N

DADOS DEMOGRÁFICOS

	ÁREA (KM²)	POP. ESTIMADA (HAB.)	DENSIDADE POP. (HAB./KM²)	DOM. ESTIMADOS (UN.)	DENSIDADE DOMICILIAR (UN./KM²)
BARRA DA LAGOA	8,10	6.537	807,04	4.301	530,99
COSTA DA LAGOA	10,97	954	86,96	665	60,62
LAGOA DA CONCEIÇÃO	19,64	12.468	634,83	7.228	368,02
MOÇAMBIQUE	13,50	76	5,63	40	2,96
RIO VERMELHO	18,01	30.675	1.703,22	14.008	777,79

Fonte: Adaptado de Florianópolis. Secretaria Municipal de Planejamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano. Rede de Planejamento (REPLAN), 2026

DISTRITO LAGOA DA CONCEIÇÃO



COSTA DA LAGOA



Região pertencente à antiga Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, o território que compreende o atual bairro da Costa da Lagoa é conhecido desde o período colonial, aparecendo em mapas como caminho para a Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e para a região nordeste da Ilha, em direção ao Rio Vermelho. Notícias em jornais da segunda metade do século passado retratam a Costa da Lagoa como uma região desprovida de infraestrutura básica, habitada por uma população pobre que vive da pesca. Atualmente a Costa da Lagoa é um dos pontos turísticos mais conhecidos de Florianópolis.



Cenas da Costa da Lagoa - 2025
Andy Puerari, acervo da PMF



Trilha para a Costa da Lagoa - 2019
Acervo próprio



Transporte para
a Costa da Lagoa - 2025
Andy Puerari



LAGOA DA CONCEIÇÃO

A Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, uma das primeiras freguesias da Ilha de Santa Catarina, costuma ser mencionada nos relatos de muitos cronistas e viajantes que por aqui passaram entre os séculos XVIII e XIX. Em seus relatos, estes sujeitos destacam a beleza da paisagem local. Segundo a descrição de Paulo Miguel Jozé de Brito:

> he aldêa pequena, mas linda, e bem collocada em terreno elevado, sobranceiro á margem d'oeste da maior Lagôa que ha na Ilha, e communica com o Oceano por hum canal estreito e curto, que passa junto ao morro do retiro situado sobre a praia que forma a face oriental da Ilha, o que faz esta situação muito aprazivel (BRITO, 1816, p. 41).

Quase sem anos depois, de acordo com a descrição fornecida por Virgílio Várzea, a paisagem que se via da Freguesia da Lagoa e a partir dela continuava sendo digna de elogios:

> freguesia da Conceição da Lagoa, que fica a lésnordeste da capital à margem ocidental da Lagoa Grande[33] é denominada pelo morro do Padre Doutor (450 metros) de onde se descortina um dos mais belos panoramas que olhos humanos podem apreciar, panorama que atrai vivamente a atenção dos viajantes, nacionais ou estrangeiros, que passam ou se demoram em Florianópolis, constituindo também o encanto de seus habitantes, que, aos domingos e dias feriados, fazem da formosa localidade um dos pontos de suas excursões (VÁRZEA, 1984, p. 137).

Com base em documentos oficiais do período colonial acessados através do Projeto Resgate, é possível identificar menções à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa a partir de 1750, o que condiz com a narrativa de autores que afirmam ter sido publicada uma Provisão Régia autorizando a criação daquela paróquia na data de 17 de junho do mesmo ano (NIZZOLA, L. J.; VIEIRA FILHO, D. ; PEREIRA, V.M. ; FREITAS, A. ; CASTRO, E.T. ; CASTILHOS, L. L. P., 2015).

Brito nos dá as dimensões da jurisdição da paróquia da Lagoa e a população que nela habitava por volta do ano de 1816:

> A Igreja he pequena, mas bella, e he dedicada a Nossa Senhora da Conceição: para o norte a extensão desta Parochia he de mais de duas legoas até o morro do Inglez, e de huma e meia para o sul até o pequeno rio Tavares, por onde extrema com a Matriz da Villa, ficando-lhe esta, e a Freguezia das Necessidades pelo oeste: a sua população no referido anno era de 2430 almas; a saber: homens brancos 876; mulheres 918; libertos de côr e de ambos os sexos 37; escravos, homens 412, mulheres 187: o seu terreno eh o mais fertil da Ilha de Santa Catharina (BRITO, 1816, p. 42).



Lagoa da Conceição - 19--
IHGSC

Virgílio Várzea, em 1900, nos informa que a população da Lagoa girava em torno de "3.450 almas" e menciona novas localidades fronteiriças (afinal de contas as jurisdições das freguesias do período colonial não se aplicavam mais no período republicano) (VÁRZEA, 1984). Este autor também nos dá um panorama das atividades econômicas da região:

> [A população da Lagoa] cultiva, além das plantas já mencionadas, o café, a uva, o algodão; fabrica aguardente, açúcar, melado; exporta para a capital alhos, cebolas, amendoim, gengibre, etc. Outrora cultivava em grande o linho, sobretudo o linho galego e donzelo, que era aí mesmo tecido em teares rudimentares e primitivos (VÁRZEA, 1984, p. 146).



Lagoa da Conceição - 1970
IHGSC

De acordo com Reinaldo Lindolfo Lohn (2002), a década de 1950 foi um divisor de águas para o urbanismo de Florianópolis, incluindo regiões distantes do distrito sede. Ao longo das décadas seguintes a cidade sofreu processos de ampliação de áreas por meio de aterros e pela construção de diversos edifícios. Universidades, duas novas pontes e a opção pelo turismo como carro forte da economia foram alguns dos fatores que atraíram pessoas para a capital catarinense. Rodovias estaduais passaram a ligar diferentes territórios da Ilha cujo acesso por terra era, anteriormente, muito precário. Nesse mesmo contexto começam a aparecer sintomas dessas transformações urbanas na Lagoa da Conceição.

> Até meados de 1960 a Freguesia da Lagoa apresentava a particularidade da existência de uma indústria doméstica. Diversos produtos alimentícios (farinha, aguardente, café, pescados, etc.) e materiais (cordas, balaios, redes, óleo, etc.) que abasteciam a cidade eram produzidos na Lagoa. Esta era uma localidade basicamente rural, com um sistema econômico ainda voltado para a agricultura de subsistência e a pesca...Com a economia moderna o mercado de trabalho volta-se para o emprego assalariado, e para a renda da terra, seja através da construção e aluguel de casas, ou da própria venda das terras. Os antigos moradores que não dominavam a lógica das relações urbanas, como também deste novo modo de vida, venderam parte de suas terras ou as desmembraram entre a própria família. Posteriormente, com a supervalorização das áreas próximas ao centro, os antigos moradores foram sendo expulsos e os que ficaram, ou seus filhos, acabaram incorporados em serviços subalternos. Para os trabalhadores nativos, tudo isso implicou em uma intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento de novas necessidades de trabalho; que eram bastante distintas de sua cultura tradicional. Neste processo, uma grande parte da população nativa passou diretamente do setor primário, (onde já estavam historicamente assentados vivendo da pesca artesanal, da atividade agropecuária e morando em suas pequenas propriedades agrícolas), para o setor de serviços. Estas transformações sócio-culturais desencadeadas a partir de então (1960), foram aceleradas, assim, com a chegada de novos moradores e o aumento da demanda por comércio, e serviços na localidade (VAZ, 2008, p. 66-67).

DISTRITO RIO VERMELHO



MOÇAMBIQUE

Denominada como Praia da Lagoa em mapas que remontam ao período colonial, o topônimo Moçambique é, para o caso da praia mais extensa de Florianópolis, de origem incerta. Segundo Augusto César Zeferino e Nereu do Vale Pereira:

> Praia do Moçambique a mais longa praia da ilha de Santa Catarina com cerca de 7 km. É também, por isso, denominada de Praia Grande. O nome moçambique recebe duas hipóteses de origem: a primeira porque existe, em abundância, nesta praia um molusco denominado de moçam- bique e um segundo em decorrência de na região terem se localizado vários escravos negros procedentes da Nação Moçambicana. Lá o nome moçambique é tido como originário de um grande líder muçulmano e carismático, influente pregador religioso, que teve gigantescos poderes na região e que se chamava Muçam Bique (ZEFERINO; PEREIRA, 2016, p. 151).



RIO VERMELHO

O território que corresponde ao atual bairro e parte do Distrito do Rio Vermelho pertenceu, em tempos coloniais, à jurisdição da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa. No entanto, o topônimo “Rio Vermelho” já era utilizado e referenciado em mapas do século XVIII. Somente no ano de 1831 é que tal região será emancipada para formar uma nova freguesia, esta denominada “São João Batista”.

Segundo indicativos presentes em mapas, documentos oficiais e notícias dos séculos passados, a região do Rio Vermelho era habitada por povos não indígenas, de caráter colonizador, desde antes da independência do Império do Brasil, configurando-se também como região de passagem terrestre entre a Lagoa da Conceição e outras localidades do norte da Ilha de Santa Catarina, como Ingleses.

Ao longo do século XIX, segundo dados levantados e analisados por Guilherme Pagnoncelli (2022), a Freguesia de São João Baptista do Rio Vermelho foi marcada pela “pobreza quase generalizada”, tendo como atividade econômica a produção de alimentos em pequenas propriedades agrícolas, com utilização de mão de obra escravizada, para abastecimento local e subsistência.

Já adentrando no século XX, recorremos ao escritor Virgílio Várzea, em seu livro “A Ilha”, de 1900, para obtermos mais indícios acerca da paisagem, ocupação e outros usos da terra no Rio Vermelho:



Vista aérea Lagoa da Conceição - 2025
Allan Carvalho, acervo da PMF



Praia da Joaquina - 2025
Allan Carvalho, acervo da PMF

Dunas da Joaquina - 2025
Allan Carvalho, acervo da PMF





Vista aérea Rio Vermelho - 2025
Allan Carvalho, acervo da PMF

> Desde a Lagoa, correndo do sul ao norte, ondulam os montes do Rio Vermelho e das Capivaras, onde fazem contraforte os morros da Várzea Grande, da Cachoeira e da Ponta das Canas, descendo em pequenas colinas para a costa ocidental. Ao sopé dos primeiros montes, de onde parte um pequeno rio a desaguar na Lagoa Grande por entre barrancas rubras, de cuja cor tira o nome — elevam-se as casas do Rio Vermelho, disseminando-se na planura em redor e entestando a leste com as Aranhas e os Ingleses. Arruados de laranjeiras, num certo alinhamento de trottoirs de cidade, cruzam os planos e baixadas, saturando o ambiente de inebriantes perfumes suaves quando as ramagens em flor; quando em frutificação — que é o tempo da abundância geral — delicia ver essas espessas umbelas de folhas verde-negras crivadas de frutos de ouro. Esta freguesia, banhada em parte pelas águas setentrionais da Lagoa, é de um terreno assaz fértil, no qual se dá bem a mandioca e mais ainda o amendoim, em cujas vastas culturas se ocupa o povo laborioso. Este produto é a principal riqueza do sítio, que o exporta em grande quantidade pelo porto dos Ingleses e de Canavieiras, onde alguns lanchões e iates vão carregar todos os anos. As habitações, feitas na maior parte de pau a pique barreado à mão (coisa aliás comum em todos os lugarejos da Ilha e do continente) têm um aspecto tristonho pelo acinzentado das paredes a bem dizer escondidas entre bananais e cafezeiros; e só na sede e proximidades da freguesia se encontram prédios de pedra e cal, em maiores proporções e agrupados em torno à igreja que, pequena e simples, impressiona contudo agradavelmente por seu bom estado e asseio, para o que muito concorre o zelo dos habitantes, que aí comemoram anualmente, e com grande influência, o dia de São João, o padroeiro do Rio Vermelho. A cerimônia é feita com certa pompa e entusiasmo, atraindo enorme concorrência das freguesias e arraiais circunvizinhos, como da própria capital, de onde aflui muita gente também. A festa de São João no Rio Vermelho, como a da Conceição na Lagoa, a da Lapa no Ribeirão, a das Necessidades em Santo Antônio e a da Trindade em Trás do Morro, ecoa em toda a Ilha e alvorota de alegria os sítios, porque é uma das kermesses do ano onde o povo se diverte e expande (VÁRZEA, 1984, p. 149-151).

Mapas e fotografias aéreas produzidas algumas décadas seguintes aos relatos de Virgílio Várzea mostram uma região com sinais de ocupações restritas à linha de uma estrada geral. Cenário que muda com um adensamento habitacional a partir da segunda metade do século XX, conforme mostram fotografias aéreas mais recentes.

DISTRITO BARRA DA LAGOA



BARRA DA LAGOA

Território englobado pela antiga Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, a Barra da Lagoa permaneceu praticamente sem receber alguma ocupação mais adensada por povos não indígenas até o século XX, segundo indícios verificados em mapas dos últimos três séculos passados e fotografias aéreas realizadas ao longo do século XX. Em caráter de exceção, podemos mencionar a "Fortaleza da Conceição", de localização incerta e cujos remanescentes materiais não são conhecidos, mas apontada como tendo sido erigida próxima ao canal que liga à Lagoa da Conceição ao mar. Cabe destacar que o topônimo "Barra da Lagoa" já era utilizado desde o período colonial.

No entanto, documentos de órgãos oficiais publicados em periódicos da segunda metade do século XIX sugerem que a região era utilizada como passagem por pessoas de outras localidades, segundo consta decisões de construção e reparos à uma ponte ligando a "Barra da Lagoa ao Rio Vermelho". Se considerarmos periódicos referentes à primeira metade do século XX, há também notícias referindo-se à região como localidade de pesca e com população em idade escolar suficiente para justificar a construção de uma escola, fortalecendo argumentos em favor da hipótese de que a região da Barra da Lagoa era habitada, ainda que em menor grau se comparada à outras regiões da cidade, antes da segunda metade do último século.



Estrada paraa Barra da Lagoa - 1982
IHGSC



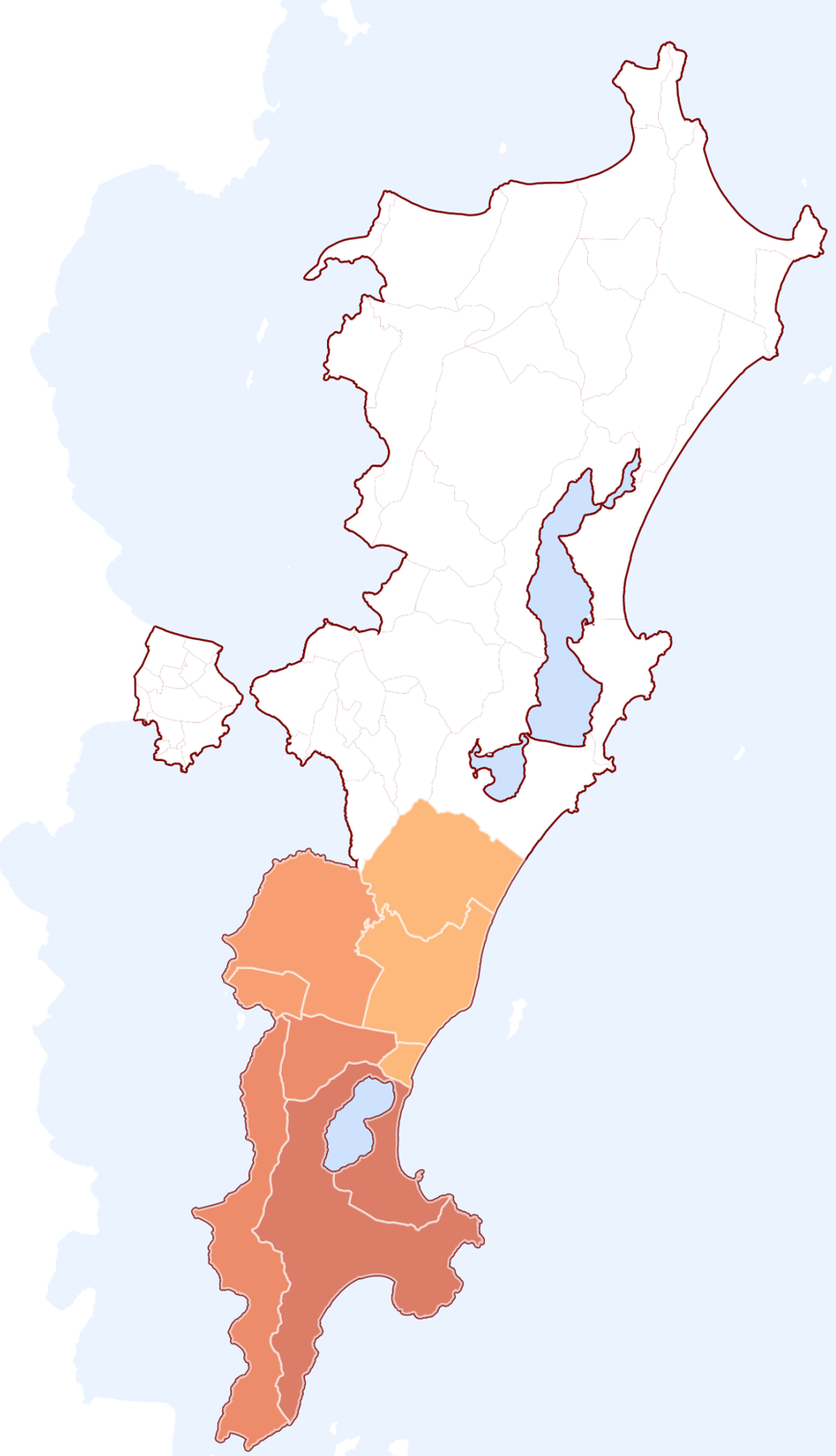
Barra da Lagoa - 1987
IHGSC



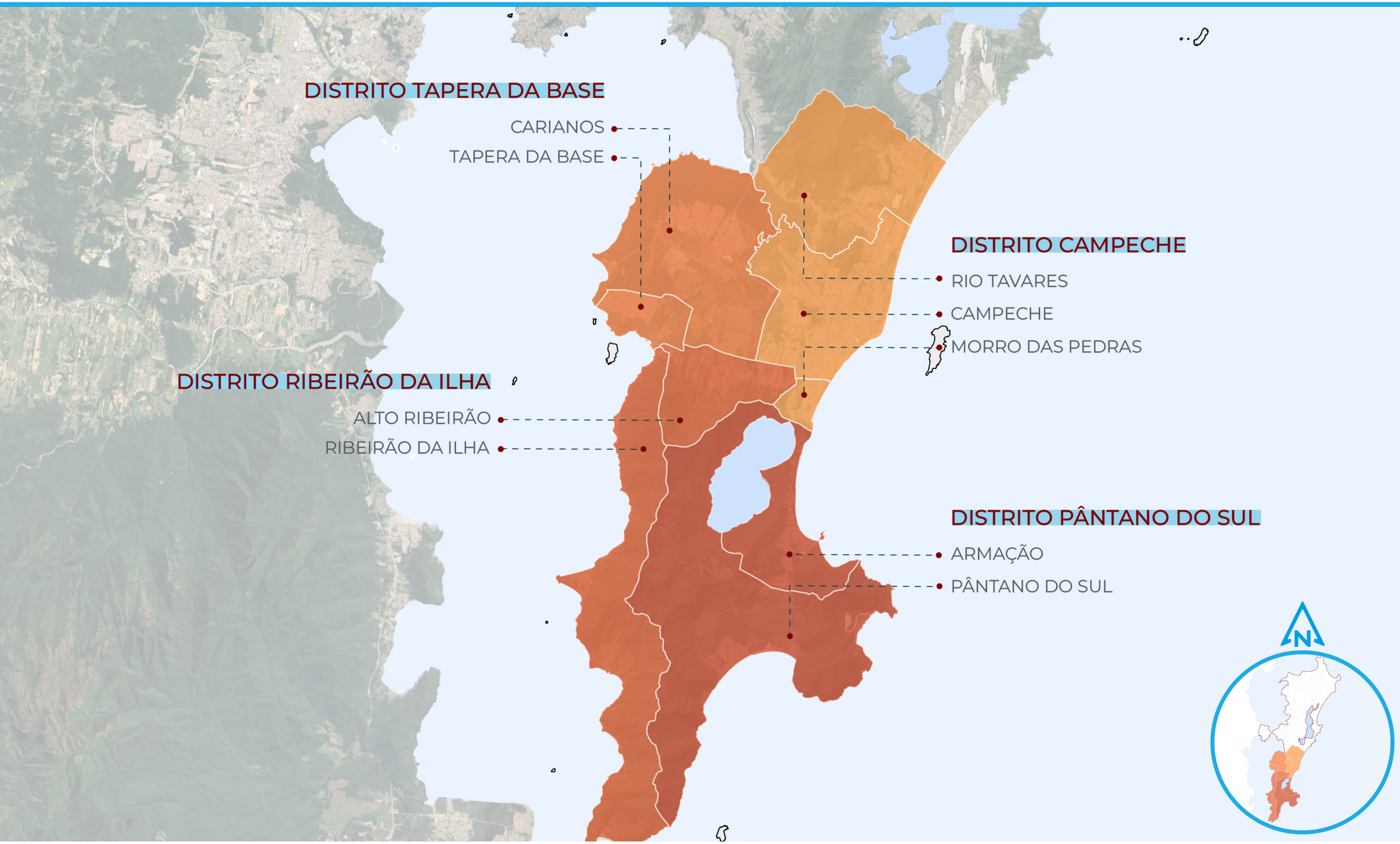
Vista aérea Barra da Lagoa - 2025
Allan Carvalho, acervo da PMF



Canais da Barra da Lagoa - 2025
Allan Carvalho, acervo da PMF



REGIÃO SUL

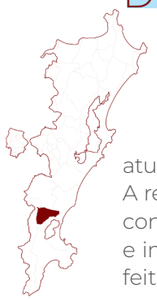

DISTRITO TAPERA DA BASE
CARIANOS
TAPERA DA BASE
DISTRITO CAMPECHE
RIO TAVARES
CAMPECHE
MORRO DAS PEDRAS
DISTRITO RIBEIRÃO DA ILHA
ALTO RIBEIRÃO
RIBEIRÃO DA ILHA
DISTRITO PÂNTANO DO SUL
ARMAÇÃO
PÂNTANO DO SUL
N

DADOS DEMOGRÁFICOS

	ÁREA (KM²)	POP. ESTIMADA (HAB.)	DENSIDADE POP. (HAB./KM²)	DOM. ESTIMADOS (UN.)	DENSIDADE DOMICILIAR (UN./KM²)
CAMPECHE	15,38	30.934	2.011,31	16.678	1.084,40
MORRO DAS PEDRAS	1,54	3.222	2.092,21	1.721	1.117,53
RIO TAVARES	17,73	14.936	842,41	7.667	432,43
ARMAÇÃO	7,95	5.133	645,66	2.947	370,69
PÂNTANO DO SUL	34,61	4.432	128,06	3.053	88,21
ALTO RIBEIRÃO	7,81	7.395	946,86	3.146	402,82
RIBEIRÃO DA ILHA	22,34	4.434	198,48	2.787	124,75
CARIANOS	21,34	9.577	448,78	3.930	184,16
TAPERA DA BASE	3,56	13.631	3.828,93	5.419	1.522,19

Fonte: Adaptado de Florianópolis. Secretaria Municipal de Planejamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano. Rede de Planejamento (REPLAN), 2026

DISTRITO RIBEIRÃO DA ILHA



ALTO RIBEIRÃO

Região imediatamente ao norte do bairro do Ribeirão da Ilha, o território que corresponde ao atual bairro do Alto Ribeirão pertencia à antiga Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão. A região é representada em mapas do período colonial como sendo local com muitas edificações, contando inclusive com passagem de rota terrestre. Atualmente a paisagem é marcada por ruas e imóveis que se organizam a partir da extensão da Rodovia Baldicero Filomeno. Imagens aéreas feitas em diferentes décadas ao longo do século XX mostram que a região manteve-se pouco ocupada praticamente até o início do século XXI.



Alto Ribeirão - 2022
Acervo Próprio



RIBEIRÃO DA ILHA

Uma das regiões da Ilha de Santa Catarina habitada há mais tempo pelos europeus e seus descendentes, o território que corresponde ao atual distrito do Ribeirão da Ilha fez parte de uma das quatro primeiras freguesias delimitadas pelos colonizadores ainda durante o século XVIII, a Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão (BRITO, 1816).

Em um mapa francês, sem datação exata (mas cuja confecção estima-se ter sido ainda no século XVII), a região do Ribeirão aparece representada com diversos ícones que sugerem a existência de construções no local, mais até que outras regiões da Ilha.

Paulo Miguel Jozé de Brito nos informa, em publicação de 1816, a extensão da Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão:

> o limite desta Freguezia pelo norte he huma linha recta tirada da ponta de Caiacanga-merim a rumo de leste até á costa oriental da Ilha, pela qual linha extrema com a Matriz da Villa, de que foi desmembrada ha alguns annos: para o sul da Parochia tem de extensão 2 1/2 legoas até á ponta dos naufragados, que he a mais meridional da Ilha: a sua total população era de 1436 almas; sendo brancos, homens 516, mulheres 457; libertos de côr de ambos os sexos 48; escravos, homens 325, mulheres 98 (BRITO, 1816, p. 42).

A fundação da Freguesia do Ribeirão data de 19 de janeiro de 1809, segundo resolução de consulta da Mesa de Consciência e Ordens da capital, à época no Rio de Janeiro. Através de vestígios ainda existentes e pesquisas, tanto arqueológicas como documentais, realizadas sobre a região, sabe-se que a economia do Ribeirão durante os períodos colonial e imperial baseou-se principalmente na lavoura e no comércio de derivados da mandioca e da cana-de-açúcar, economia esta que contou com significativa mão de obra escravizada (ESPÍNDOLA, 2013; SILVA, 1996). Até os dias de hoje é possível observar na região o funcionamento de engenhos, sobretudo de cana-de-açúcar, construídos já em tempos mais recentes, demonstrando uma herança cultural que remonta a tempos coloniais.

Precioso testemunho sobre a região na passagem do século XIX para o século XIX nos é dado pelo escritor Virgílio Várzea, em seu livro “A Ilha”, de 1900:



Ribeirão da Ilha - 2024
Acervo Próprio

Precioso testemunho sobre a região na passagem do século XIX para o século XIX nos é dado pelo escritor Virgílio Várzea, em seu livro “A Ilha”, de 1900:

> A freguesia estende-se por Caiacanga-açu, Tapera até Naufragados (a ponta mais meridional da Ilha). Daí segue para leste, abrangendo o Pântano do Sul, a Armação da Lagoinha e a praia do Campeche, com as ilhas e ilhotas que rondam a costa nessa parte, indo entestar por nordeste com as terras da Lagoa. Todos esses pontos são mais ou menos habitados e contam, com a sede da freguesia, uma população de 3.600 almas. Relativamente a esta freguesia eis o que diz o conhecido geógrafo Saint-Adolphe, que residiu vinte e seis anos entre nós e que percorreu longa e minuciosamente todo o nosso país: "Ribeirão ou Lapa do Ribeirão. Nova vila e antiga freguesia da Ilha de Santa Catarina, no fundo de uma enseada, a 2 léguas ao sul da cidade do Desterro. Manoel de Vargas Rodrigues mandou fazer em 1760 uma capela para sua família e vizinhos e a dedicou a Nossa Senhora da Lapa. Como no princípio do século presente a população do Ribeirão passasse de 1.200 almas, foi a capela substituída por uma igreja de pedra, a qual foi sagrada em 2 de fevereiro de 1806. Solicitaram então os habitantes para ela o título de paróquia, o qual lhe foi conferido por alvará de 11 de julho de 1809. Passados dez anos, instaram porque se concedesse à nova freguesia o título de vila, porém não foram bem sucedidos nessa representação nem no governo d'El-Rei D. João VI, nem no do Imperador D. Pedro I, e somente o conseguiram em 1839 ou 1840 por uma lei provincial. O distrito da vila do Ribeirão é formado da parte meridional da Ilha de Santa Catarina e acha-se separado da parte do norte do da cidade do Desterro pelos ribeiros Tavares e Caiacanga-mirim..." (Dic. Geog. e Hist. do Império do Brasil, tomo II, pág. 396; Paris 1845). A zona do Ribeirão é quase toda agrícola e pelas suas encostas e planos floresce a mandioca, a cana, o milho, o feijão e o café, em amplos quadrados de terreno de um verde variegado (VÁRZEA, 1984, p. 132-134).

Mapas e fotografias aéreas produzidos ao longo do século XX mostram que a região cresceu modestamente ao longo do tempo, com significativo aumento de habitantes a partir da segunda metade do último século, mantendo construções geralmente próximas à rodovia Baldicero Filomeno.



Ribeirão da Ilha - 19--
APESC



Ribeirão da Ilha - 2024
Acervo Próprio



Ribeirão da Ilha - 2024
Acervo Próprio

DISTRITO PÂNTANO DO SUL



ARMAÇÃO

O território que compreende o atual bairro da Armação é representado em mapas do século XVIII com poucos sinais de ocupação, com destaque para a pequena igreja lá erigida, dedicada à Sant'Anna, na década de 1770. Segundo Myrian Ellis, a expressão "Armação" deriva de "armar pesca, armar às baleas, ou seja, equipar-se para a pescaria, para a pesca das baleias" (ELLIS, 1969, p. 59). A autora afirma também que com o tempo o termo passou a ser empregado para se referir ao local de captura dos animais, para além da prática em si. Para além da área onde se explorava a atividade baleeira, Armação virou topônimo, nome de uma das localidades mais conhecidas de Florianópolis. Atualmente o bairro é marcado por seu caráter residencial, pela atividade pesqueira, pelas belas praias e serviços de restaurante e hospedagem.



Escola na Armação - 198- APESC



PÂNTANO DO SUL

Sobre a praia de Pântano do Sul o escritor Virgílio Várzea, em seu livro "A Ilha", de 1900, nos apresenta o seguinte panorama:

> "O arraial do Pântano ou Pântano do Sul fica na enseada de igual designação, na costa de leste da Ilha, sobre uma faixa arenosa apertada entre a corda de montes que vem de Naufragados até Caiacanga-açu e os outeiros ou cabeços escarpados da Lagoinha. Com poucas terras cultiváveis, e desconhecendo por completo os processos agrícolas modernos de as fertilizar, os habitantes são mais pescadores que lavradores. Muitas redes de arrastão lanceiam por toda a costa, principalmente no tempo do peixe de corso, que é excelente e coalha essa enseada, em mantas ou magotes enormes, de maio a outubro de cada ano (VÁRZEA, 1984, p. 135)."

Levando em conta as evidências e pesquisas já empreendidas sobre a região, parece seguro afirmar que a população não indígena que veio a ocupar a região do atual bairro e distrito do Pântano do Sul, no passado, o fez dedicando-se a atividades marítimas. Tais atividades mantém correspondência com práticas de pesca que permanecem, não necessariamente iguais, até os dias de hoje, resultando na luta de pescadores e no consequente reconhecimento da Prefeitura de Florianópolis dos "Ranchos de Pescadores Tradicionais no município de Florianópolis" como patrimônio imaterial municipal (Decreto nº 26.218 de 27 de março de 2024).

DISTRITO CAMPECHE



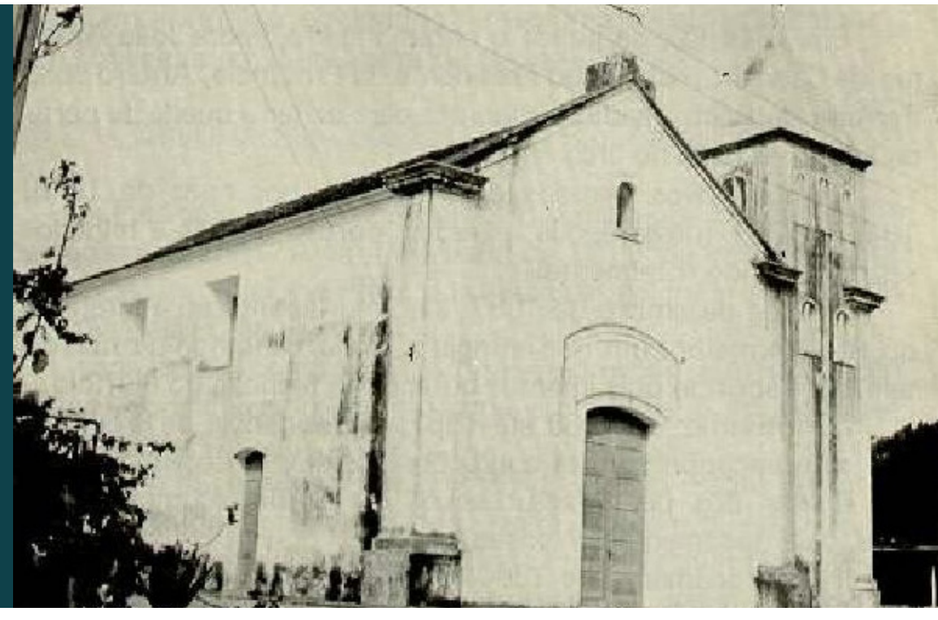
CAMPECHE

O território que atualmente corresponde ao atual bairro do Campeche corresponde à parte do território da antiga freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão.

A ocupação mais adensada da região só se deu a partir da segunda metade do século XX, mas registros cartográficos e bibliográficos, bem como exemplares arquitetônicos, nos mostram que tal território já era habitado por populações não indígenas desde o período colonial.

O topônimo "Campeche" também remonta a fontes deste período, o que contradiz explicações que atribuem tal termo a aviadores franceses que sobrevoavam a região no início do século XX. A origem do termo ainda é incerta, podendo referir-se tanto a um tipo de árvore, o pau-campeche, ou à capital e/ou o estado mexicano homônimos (CHAMAS, 2008).

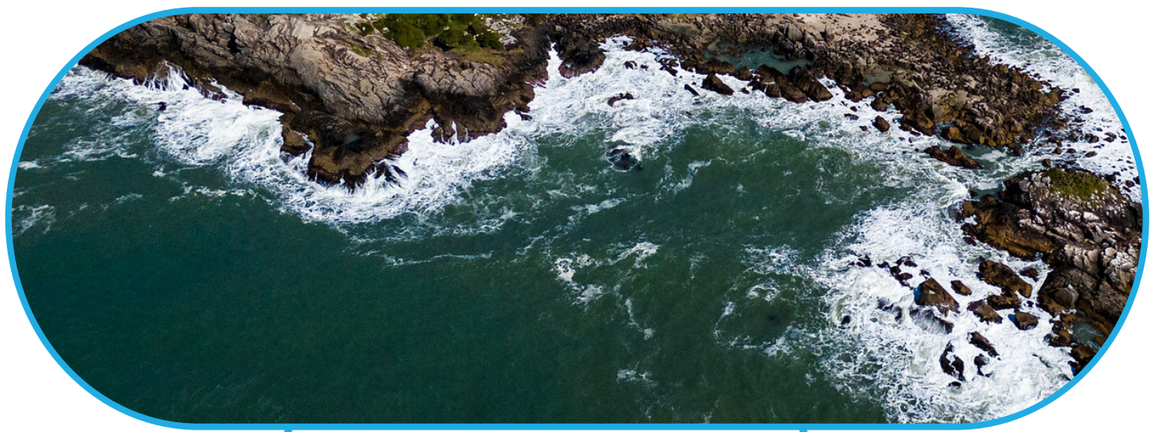
Igreja do Campeche - 1--- Acervo Velho Bruxo







Vista aérea da praia da Armação - 2025
Allan Carvalho, acervo da PMF



Ponta das Campanhas, praia
da Armação - 2025
Allan Carvalho, acervo da PMF

Vista aérea do Pântano do Sul - 2017
Acervo próprio





MORRO DAS PEDRAS

Localizado no território que outrora pertencia à antiga Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, o atual bairro do Morro das Pedras localiza-se no sul da Ilha de Santa Catarina. Topônimo já evocado pelo menos desde o século XIX, o Morro das Pedras, segundo matrícula de moradores organizada pelo Capitão Manoel Pires Ferreira, em 1843, era um dos dez quarteirões que compunha a antiga freguesia mencionada anteriormente. O mesmo documento aponta ainda que naquele quarteirão havia dez famílias, tendo, pelo menos metade delas, escravizados sob o seu domínio. Mapas do século XVIII indicam que pela região do Morro das Pedras passava um caminho terrestre que ligava a Armação a outras regiões da Ilha.

Adentrando ao século XX, por meio de imagens aéreas feitas em 1938 é possível conferir que o território do atual bairro do Morro das Pedras já estava "fatiado" para se fazer uso do solo. Contudo, o adensamento populacional passa a progredir conforme as décadas vão passando.



Mirante do Morro das Pedras - 19--
APESC



RIO TAVARES

Localizado na parte meridional da Ilha de Santa Catarina, o território que corresponde ao atual bairro Rio Tavares já era conhecido desde os tempos coloniais por povoadores não indígenas. Em mapas produzidos nos séculos XVIII e XIX pode-se constatar que por lá passavam rotas terrestres que ligavam a Vila de Desterro a localidades mais ao sul como Ribeirão e Armação. Vestígios de construções em arquitetura colonial luso-brasileira indicam que por lá não só passavam, como também moravam pessoas. Desde 1809 até o advento da República, a região do Rio Tavares esteve sob a jurisdição da Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão.

O escritor Virgílio Várzea dedicou algumas palavras ao Rio Tavares em sua obra Santa Catarina, a Ilha. Neste livro, ele apresenta o seguinte quadro:

> "O Rio Tavares é um povoado que fica um pouco acima da embocadura do rio ou braço de mar do mesmo nome. As casas, esparsas ao longo da estrada e amoitadas entre ramagens, algumas pousadas à beira do rio, onde se espelham, destacam-se pela sua caiação muito alva das ligeiras construções pardacentas dos engenhos de paredes de pau a pique barreadas à mão e em geral cobertos de tiririca. As culturas são variadas como a dos outros sítios, predominando porém sobre todas a da cana, que ondula em grandes lençóis de um verde alegre pelas voltas largas do rio. A melancia dá aí abundantemente, como nas Caiacangas; e outrora plantava-se mais do que hoje, e em grande escala, o melão, de tão fina espécie que ficou célebre na Ilha e em todo o Estado. E sobre ele assim se exprime o nosso primeiro corógrafo, padre Manoel Aires de Casal, tratando dos rios da Ilha: "O terreno regado pelo derradeiro (Rio Tavares) cria os melhores melões da Província. (Corografia Brasílica, tomo 1, pág. 195). No Rio Tavares tem a Western Telegraph uma estação que liga o cabo submarino vindo do Atlântico pela praia do Campeche à linha telegráfica terrestre de Florianópolis. A população deste arraial, com a do Saco, Pantanal, Córrego Grande e Pregibaé, orça, em totalidade, por cerca de 2.500 habitantes (VÁRZEA, 1984, p. 131-132)."

Tal cenário, descrito por Várzea, se altera somente com o adentrar do século XX, quando não apenas o Rio Tavares como também muitas outras regiões da Ilha passam a se modificar com o adensamento populacional. Hoje, ao invés de roças e engenhos, a paisagem do bairro é dominada por residências e comércio.

Escola de Educação Básica Porto do Rio Tavares - 197-
APESC





Lagoa Pequena, vista
do Rio Tavares e Campeche - 2019
Acervo próprio



Rio Tavares - 2019
Acervo próprio

DISTRITO TAPERA DA BASE



CARIANOS

O território que corresponde ao atual bairro de Carianos foi região abrangida pela jurisdição da antiga Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão. Segundo o historiador Victor Hugo Cardoso, a região de Carianos integrava uma área maior denominada Campos de Caiacanga. Diversos vestígios arqueológicos evidenciam que a ocupação humana da região começou muito antes da chegada de povos não indígenas, remontando ao período de ocupação da Ilha por povos sambaquieiros. Atualmente seus principais referenciais urbanísticos são o Estádio Aderbal Ramos da Silva (Ressacada) e a Base Áerea, ambos ali situados desde o século XX.



TAPERA DA BASE

De acordo com pesquisas realizadas em documentos cartográficos, é possível verificar a existência de indícios que sugerem que a região correspondente ao atual bairro da Tapera da Base já contava com ocupações de populações não indígenas nos períodos colonial e monárquico. Por aquela região passava a rota terrestre que ligava a Vila de Desterro à Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão. No primeiro quartel do século XX inicia-se a construção do "Centro de Aviação Naval de Santa Catarina", que décadas mais tarde viria a tornar-se a conhecida Base Aérea de Florianópolis, fazendo com que o nome Tapera, na região, passasse a ser associado ao termo "Tapera da Base". Em 15 de setembro de 1955 foi inaugurado o Aeroporto Hercílio Luz, evento que marcou o desenvolvimento urbano e atribuiu importância à cidade de Florianópolis. No entanto, os sinais mais antigos remanescentes da ocupação civil na região começam somente a aparecer em fotografias aéreas na década de 1970, configurando-se como uma ocupação de caráter recente, principalmente se comparada a regiões da cidade como os atuais centro e distritos da Lagoa e do Ribeirão da Ilha, entre outros.



Detalhe do Mappa da Secção da L. Telegraphica do Desterro a Laguna - 18--
Acervo do Arquivo Nacional



Centro de Aviação Naval
de Santa Catarina, Base Aérea - 1932
Marinha DPHDM

Carianos - 2024
Acervo Próprio





Tapera da Base - 2018
Acervo Próprio

Tapera da Base - 2018
Acervo Próprio



1. LEGISLAÇÃO

FLORIANÓPOLIS (Município). Decreto n. 29.142, de 2026. Institui a delimitação oficial dos bairros do Município de Florianópolis. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2026.

FLORIANÓPOLIS (Município). Lei Complementar n. 739, de 2023. Institui o Plano Diretor do Município de Florianópolis. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2023

2. LIVROS, ARTIGOS, TESES DISSERTAÇÕES E TRABALHOS ACADÊMICOS

BRITO, Paulo José Miguel de. Memória política sobre a Capitania de Santa Catarina. Lisboa: Typographia da Academia Real das Ciências, 1829.

BUENO, L.; REIS, Lucas (Org.). Florianópolis arqueológica. 1. ed. Florianópolis: EDUFSC, 2021. v.1.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro. v.2: Memória. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CHAMAS, Cíntia Aparecida Pereira Costa. A gestão de um patrimônio arqueológico e paisagístico: Ilha do Campeche, SC. Dissertação – UFSC, 2008.

COSTA, Sandro Silveira. Ponte Hercílio Luz: mutações urbanas em uma cidade insular (1890-1960). Dissertação – UFSC, 2002.

DUTRA, Ricardo Aldo. Florianópolis: aorganizaçãopolítico-administrativa: a IntendênciaDistrital (1889-1992). 1994. Dissertação– UFSC, 1994.

ELLIS, Myriam. A baleia no Brasil colonial. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

ESPÍNDOLA, A. M. Domingos e Domingas: escravidão e liberdade na Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha (1830-1880). Trabalho de Conclusão de Curso– UFSC, 2013.

FERREIRA, Tânia Marcia Machri. Distrito de Ingleses do Rio Vermelho. 1999. Dissertação– UFSC, 1999.

GIELOW, Jéssica Thaíse. A questão de terras em Santa Catarina no período colonial. Trabalho de Conclusão de Curso– UFSC, 2022.

JESUS, Giselli Ventura. Formação e dinâmica socioespacial do distrito de Santo Antônio de Lisboa – Florianópolis (SC). Dissertação – UFSC, 2011.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana: Florianópolis (1950-1970). Tese – UFRGS, 2002.

MAKOWIECKY SALLES, Sandra; PHILIPPI, Edélcio; WEDEKIN, Luana. A Capela de Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio de Lisboa: aspectos plásticos e simbólicos. In: II Jornada de Pesquisa da UDESC. Florianópolis: UDESC, 1993.

MAMIGONIAN, Beatriz G.; VIDAL, J. Z. (Org.). História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

VIEIRA FILHO, Dalmo; NIZZOL, L. J.; FREITAS, A.; CASTILHOS, L. L. P.; PEREIRA, V. M.; CASTRO, E. T. et al. As freguesiasluso-brasileirasnaRegião da Grande Florianópolis. Florianópolis: IPHAN, 2015. 184 p.

NOPES, Adriane. Ilha de Santa Catarina: Praia dos Ingleses entre modernização e memórias da tradição. Dissertação – UFSC, 2007.

PAGNONCELLI, Guilherme. Lavradores pobres, trabalho escravizado e a pequena propriedade na Freguesia de São João Baptista do Rio Vermelho, 1831-1899. Dissertação – UFSC, 2022.

SILVA, Oswaldo Paulino da. Arqueologia dos engenhos da Ilha de Santa Catarina: parte sul. Dissertação – PUC-RS, 1996.

VÁRZEA, Virgílio. Santa Catarina: a Ilha. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1984.

VAZ, Marcelo Cabral. Lagoa da Conceição: a metamorfose de umapaisagem. 2008. Dissertação– UFSC, 2008.

VEIGA, Eliane Veras da. Memória urbana. 2. ed. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008.

VOIGT, André Fabiano. Memória do bairro Trindade em Florianópolis. Revista Ágora, v.21, n.43, p.111-123, 2011.

ZEFERINO, Augusto César; PEREIRA, Nereu do Vale. Florianópolis: análise geo-histórica e glossário toponímico. 1.ed. Florianópolis: IHGSC, 2016

3. BASES CARTOGRÁFICAS, BANCOS DE DADOS E ACERVOS DIGITAIS

Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Disponível em: https://acervo.arquivopublico.sc.gov.br/index.php/. Acesso em: 26 jun. 2026.

FLORIANÓPOLIS (Município). Secretaria Municipal de Planejamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano. REPLAN – Rede de Planejamento: dados demográficospor bairros. Disponívelem: https://redeplanejamento.pmf.sc.gov.br/pt-BR/planos/bairros. Acessoem: 10 jul. 2026.

FLORIANÓPOLIS (Município). GeoFloripa. Sistema Municipal de Informações Geográficas. Disponível em: https://geo.pmf.sc.gov.br. Acesso em: 10 jul. 2026.

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Acervo fotográfico. Disponível em: https://ihgsc.org/acervofotografico/. Acesso em: 26 jun. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MIRANDA RIBEIRO, João Alberto de. Ofício do governador da Ilha de Santa Catarina, tenente-coronel João Alberto de Miranda Ribeiro ao vice-rei do Estado do Brasil, conde de Resende, D. Antônio José de Castro, remetendo relatórios e mapas referentes à extensão e limites da Ilha de Santa Catarina e distritos de sua jurisdição. Freguesia das Necessidades, 17 nov. 1797. Arquivo Histórico Ultramarino, Conselho Ultramarino, Brasil – Santa Catarina. AHU_ACL_CU_021, Cx. 6, Doc. 387. Disponível em: https://resgate.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=021_SC&pagfis=3071. Acesso em: 1 nov. 2024.

Velho Bruxo. Disponível em: https://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Albuns.html. Acesso em: 26 jun. 2026

Cadernos de Planejamento e Projetos Urbanos de Florianópolis



PLANO DIRETOR
FLORIANÓPOLIS

CARTILHA EXPLICATIVA DOS BAIRROS

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS

SMPHDU